



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO BERNARDO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

**GIZELE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**FEMINISMO NEGRO, MOVIMENTO ESTUDANTIL E RELAÇÕES DE PODER:**

Diálogos e trajetórias

SÃO BERNARDO - MA

2020

**GIZELE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**FEMINISMO NEGRO, MOVIMENTO ESTUDANTIL E RELAÇÕES DE PODER:**

Diálogos e trajetórias

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas.

**Orientação:** Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira

SÃO BERNARDO - MA

2020

SANTOS, GIZELE OLIVEIRA DOS.

FEMINISMO NEGRO, MOVIMENTO ESTUDANTIL E RELAÇÕES DE PODER : diálogos e trajetórias / GIZELE OLIVEIRA DOS SANTOS. - 2020.

63 p.

Orientador(a): AMANDA GOMES PEREIRA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, SÃO BERNARDO, 2020.

1. Empoderamento. 2. Feminismo Negro. 3. Movimento Estudantil. 4. Relações de Gênero. I. PEREIRA, AMANDA GOMES. II. Título.

**GIZELE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**FEMINISMO NEGRO, MOVIMENTO ESTUDANTIL E RELAÇÕES DE PODER:**

Diálogos e trajetórias

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas.

APROVADA EM: 18/12/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Amanda Gomes Pereira (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Ma. Claudia Morais  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Ravenna Araújo Paiva  
Universidade Federal da Bahia

Dedico este trabalho a minha mãe, que me apoiou durante minha longa jornada durante estes anos de luta – e, as minhas ancestrais que me forneceram forças, conhecimento e resistência neste processo – assim possibilitaram a construção do meu eu de hoje. Dedico o mesmo também a minha orientadora que muito me auxiliou, me ajudou e me acompanhou na construção do presente trabalho, assim como forneceu subsídio para que eu pudesse florescer e crescer como estudante – feminista – profissional e pesquisadora.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos que lutaram para que nós filhos e filhas da classe trabalhadora tivessem direito e acesso à educação pública gratuita e de qualidade conforme disposto na Constituição Federal. A luta foi árdua, mas com significativas vitórias para todos nós e só tenho a agradecer aqueles que lutaram – e aqueles que continuam a lutar. Sobretudo, porque a Universidade Pública nos possibilita a transformação de nossas vidas e, por conseguinte de nossas realidades sociais.

Agradeço a minha mãe e irmãos pelo amor e apoio incondicional, assim como pela grande paciência nos meus dias de estresse. Agradeço pelas palavras de afeto, encorajamento e carinho diante dos dias de tristeza e pensamentos angustiantes sobre o futuro – sabemos que a construção de um trabalho por mais singelo que seja é perpassada por dificuldades e contratemplos que nos colocam em constante reflexão sobre nossas escolhas, acertos e erros. Nestes momentos, a compreensão e companheirismo daqueles que nos cercam e que acompanham nossa luta é fundamental – gratidão – por todo amor e apoio – obrigada, família.

A meus amigos e amigas que estiveram presente em todos os momentos bons e ruins, agradeço as palavras de amizade, assim como pelas rodas de conversas e conhecimento compartilhado e que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, assim como para a construção de minha criticidade. Obrigada pelas indicações de leituras e, principalmente, por construir juntos comigo a resistência e defesa a nossos direitos.

Agradeço a todos os representantes de movimentos sociais por compartilharem comigo seus conhecimentos, conquistas e lutas – agradeço também aos convites – oportunidades e os espaços de poder que oportunizaram a construção de diálogos com a comunidade civil e outros movimentos sociais. Aproveito aqui para deixar meus agradecimentos ao Sindicato dos Trabalhadores de São Bernardo que possibilitaram a minha ida a Marcha das Margaridas, na cidade de Brasília, em Agosto de 2019. E, principalmente agradeço a entidade no qual militei “União da Juventude Socialista” – entidade esta que possibilitou minha interação e vivência com o movimento estudantil secundarista, bem como permitiu inúmeros diálogos com realidades diversas.

Agradeço à todas escolas que me receberam com carinho nas diversas palestras ministradas – assim, como agradeço os convites realizados por professores, amigos, e movimentos sociais para palestras nas escolas e para a sociedade civil.

À minha Prof. Dra. Amanda Gomes Pereira, minha orientadora, que com paciência, companheirismo, empatia, sabedoria e sensibilidade, aceitou ser minha orientadora, ensinou-me a importância de nós mulheres ocuparmos espaços de poder, bem como me ensinou a importância de

saber ouvir. Agradeço cada palavra e sugestão que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho e que refletiram positivamente na minha vida, obrigada por caminhar e construir comigo.

Agradeço à banca na pessoa da professora Claudia Moraes e Revena Araújo pela leitura atenta e crítica do meu trabalho que muito auxiliará na continuação da minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço às jovens mulheres secundaristas e universitárias entrevistadas por aceitarem participar da construção desta pesquisa – sem vocês este trabalho não seria possível – e, agradeço a todos que contribuíram voluntariamente ou involuntariamente para a realização deste trabalho. Agradeço, a todos os professores que me estimularam e fortaleceram minha luta até aqui por meio de suas palavras. Por fim, obrigada a todos.

[...] Para fazer diferença na vida das mulheres negras brasileiras, temos de fazer mais que simplesmente esperar por um futuro melhor [...]. O que temos de fazer é nos organizar e nunca parar de questionar. Que temos de fazer, como sempre, é trabalhar muito.

Sueli Carneiro, (Defining Black Feminism, p.17)

## **RESUMO**



O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a relevância dos movimentos estudantis enquanto propulsor de ações e práticas que fomentam processos de empoderamento das jovens mulheres maranhenses que atuam no movimento estudantil secundarista, residentes de cidades localizadas no interior do estado do Maranhão. Os dados apresentados são parte de uma pesquisa realizada com jovens e mulheres secundaristas e universitárias que atuam – atuaram – ou participam de forma transitória (informal) do movimento estudantil, de faixa etária entre 15 a 27 anos. A hipótese levantada aqui é a que a participação nesses movimentos estudantis contribui para a construção da subjetividade dessas garotas, além de inserir-las nos debates e, diálogos acerca das desigualdades de gênero e de étnico-raciais (mesmo que indiretamente atravessadas por essas referenciais em seus discursos e narrativas). A metodologia utilizada na pesquisa foi grupo focal em que elas debateram temáticas ligadas a gênero, movimento estudantil e feminismo negro a partir de perguntas semiestruturadas. O resultado apontou que, apesar dos desafios de compreender as relações entre gênero e raça na formação delas enquanto sujeitos, as narrativas do feminismo negro – amplamente difundidas nos dias de hoje – estão presentes em suas falas.

**Palavras-Chave:** Feminismo Negro. Relações de Gênero. Empoderamento. Movimento Estudantil.

### **ABSTRACT**

This work aims to highlight the relevance of student movements as a propeller of actions and practices that foster processes of empowerment of young women from Maranhão who work in the secondary student movement, residents of cities located in the interior of the state of Maranhão. The data presented are part of a research carried out with young people and high school and university women who work - endured - or participate in a transitory (informal) way in the student movement, aged between 15 and 27 years. The hypothesis raised here is that participation in these student movements contributes to the construction of the subjectivity of these girls, in addition to inserting them in debates and dialogues about gender and ethnic-racial inequalities (even if indirectly crossed by these references in their speeches and narratives). The methodology used in the research was a focus group in which they discussed themes related to gender, student movement and black feminism based on semi-structured questions. The result showed that, despite the challenges of understanding the relationship between gender and race in their formation as subjects, the narratives of black feminism - widely disseminated today - are present in their speeches.

**Keywords:** Black Feminism. Gender relations. Empowerment. Student Movement.

### **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 MOVIMENTOS SOCIAIS: Percorrendo caminhos históricos .....</b>	<b>16</b>
2.1 Feminismo Negro no Brasil.....	20
2.2 Pensando lugar de fala.....	24
2.3 Práticas discursivas em torno do conceito de empoderamento.....	26
<b>3 O MOVIMENTO ESTUDANTIL, MEMÓRIA E TRAJETÓRIAS: UNE.....</b>	<b>28</b>
3.1 Movimento estudantil e suas dinâmicas temporais.....	29
3.2 Movimento estudantil no interior do Maranhão .....	31
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO E RESULTADOS .....</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto direto de minha vivência enquanto mulher feminista, militante do movimento estudantil – dos movimentos feministas – e dos Direitos Humanos. Além disso por ser residente do município de São Bernardo, no Estado do Maranhão, mesmo não sendo parda, tive que conviver com situações cotidianas de vulnerabilidade. Neste sentido, há muito de mim nas linhas – e entrelinhas – que se prosseguem, minha trajetória de vida se entrelaça com as narrativas das mulheres aqui presentes – se entrelaçam – porque as vejo como minhas semelhantes, jovens com histórias de vidas como a minha – jovens mulheres, que como eu, conseguiram adentrar a espaços de poder – que por muito tempo nos foi relegado – embora – muitas de nós tenhamos êxito em adentrar este ambiente, somos exceções e não regra.

Quando iniciei minha militância no movimento estudantil na universidade e, a partir disso, comecei a desenvolver atividades nas escolas públicas secundárias com o projeto de mobilização para a criação de grêmios estudantis, me deparei com um engajamento de adolescentes e jovens que me fizeram ter esperança nos processos de transformação das desigualdades sociais e de gênero. Enquanto no espaço universitário, minha atuação era a exceção, tendo poucas mulheres engajadas em debater questões cruciais para o movimento estudantil – tais como as múltiplas formas de exclusão – no movimento secundarista esses debates ressoavam. Além disso, enquanto na Universidade, a maioria dos representantes dos Centros Acadêmicos são homens cis, entre os estudantes do ensino médio as mulheres eram as que mais se engajavam. Esse fato chamou-me a atenção e me fez querer compreender a lacuna existente na comparação desses dois contextos.

É válido destacar que quando conseguimos adentrar estes espaços, criam-se mecanismos que objetivam minimizar nossas lutas, assim como nossa participação. As mulheres entrevistadas neste trabalho que compõem gestão de Centros Acadêmicos, grêmios estudantis, bem como as que constroem voluntariamente com o movimento estudantil, não são a regra em sociedade – elas são exceção da exceção – visto que muitas delas são as primeiras de suas famílias que adentram a estes espaços de poderes, como a Universidade e os movimentos sociais. Entre estes emaranhados de vivências, lutas, conquistas e aprendizados, elas se encontram construindo suas trajetórias de vidas.

Neste sentido, é que suas trajetórias se entrelaçam com a minha trajetória de vida. Assim como as entrevistadas, sou filha da classe trabalhadora, minha mãe trabalhou – e, trabalha como empregada doméstica – para prover as minhas necessidades e de meus irmãos, assim como custear nossos estudos. Sou a primeira da minha família a adentrar ao ensino superior, por conseguinte, logo depois, meus dois irmãos conseguiram adentrar a este espaço privilegiado.

Contudo, é importante destacar que para estar neste espaço tive que me deslocar do interior do município de Araiões para residir em São Bernardo. Do mesmo modo que inúmeras são as mulheres e homens que tiveram que descolarem-se de seus Estados e municípios para concluírem seus estudos. E, mesmo diante das turbulências, mantém-se de pé perseverando a realização de seus sonhos e objetivos de vida.

O relato aqui descrito nos permite pensar sobre o quanto é árduo o trabalho de percorrer uma trajetória pessoal que objetiva a busca pelo conhecimento e pela transformação de nossas próprias realidades sociais. Sobretudo, este torna-se um trabalho muito mais complexo quando somos mulheres, jovens residentes de municípios do interior do Estado do Maranhão – como, é o caso das entrevistadas. Nesse contexto, as dificuldades são diversas, variando desde o acesso ao transporte, assim como aos auxílios estudantis – não é incomum ouvir estudantes falarem sobre desafios a serem contemplados pelas assistências estudantis.

Às desigualdades de gênero somam-se com as desigualdades de recursos econômicos e acesso aos bens culturais, tanto no âmbito da Universidade, quanto no contexto das escolas. Desse modo, a necessidade de organização dos estudantes para buscarem por melhorias para suas realidades sociais, escolares e universitárias.

Estas formas de organizações sociais desempenharam no decorrer de nossa história importantes contribuições por meio de suas conquistas, como o direito a educação pública de qualidade, o direito ao voto, políticas de assistência estudantil, dentre muitas outras ações que refletem positivamente na vida dos cidadãos brasileiros. Dessa maneira, observa-se que estes movimentos sociais, estudantis e feministas, possibilitaram transformações significativas na política e na sociedade – assim como desempenham um papel relevante na diminuição das desigualdades sociais e de gênero.

Estas transformações sociais, iniciadas pelo movimento de mulheres durante as décadas de 1920, 1970 e 1980, reconfiguraram as dinâmicas sociais e de gênero, ao questionar as opressões de gênero étnicos raciais e as desigualdades por elas criadas na vida das mulheres. Neste contexto, de mudanças sociais, políticas e culturais surgem, inúmeros movimentos feministas organizados com suas pautas, estudos e reivindicações sociais,

objetivando o desenvolvimento de uma sociedade com equidade de gênero entre mulheres e homens, fim da violência, do racismo, igualdade salarial entre mulheres e homens – entre brancos e negros.

Todas estas mudanças sociais possibilitadas por meio destes movimentos sociais permitiram a reconfiguração dos arranjos sociais, na atualidade, permitindo-nos observar que cada vez mulheres – sobretudo, jovens secundaristas e universitárias – ingressam no movimento estudantil secundarista e universitário, levando para o centro do debate nestes movimentos a pauta feminista. Um espaço antes predominantemente masculino, agora é também, na sua grande maioria, apresenta majoritariamente um número cada vez maior de mulheres – sobretudo, mulheres em altos cargos<sup>1</sup> e preocupadas com a luta feminista e antirracista.

A introdução destas mulheres nesses espaços de poder oportunizou que muitas outras jovens adentrassem a este espaço, reconfigurando, dessa forma a dinâmica do movimento estudantil – ao passo que introduzia o debate acerca das desigualdades de gênero, bem como incorporava a luta e a discussão antirracista nas suas agendas e pautas. Ao partir disso, a respectiva pesquisa procurou analisar a relevância dos movimentos estudantis enquanto propulsor de ações e práticas que fomentam processos de empoderamento das mulheres maranhenses que atuam no movimento estudantil secundarista e universitário, residentes de cidades localizadas no interior do estado do Maranhão. Assim, buscamos identificar se de fato estas práticas concretizam-se na vida das mulheres residentes destes contextos – principalmente nas nossas entrevistas, atentando-nos para as especificidades existentes entre elas, de cor e classe, com o intuito de compreender como são construídas estas subjetividades e as dinâmicas transformativas de suas representações de gênero e política.

Com vistas nisso, ao analisarmos a construção de suas trajetórias políticas, suas novas percepções de mundo, construímos um debate acerca dos movimentos feministas, movimento estudantil, desigualdade de gênero, racismo e participação política.

Assim, é importante destacar que a escolha por desenvolver este trabalho a luz do feminismo negro deu-se por considerar ser este o movimento que melhor possibilita a compreensão/entendimento das desigualdades perpassadas por nós mulheres residentes de cidades interioranas. Tendo visto que nossas trajetórias dialogam e se assemelham, uma vez

---

<sup>1</sup> Helga Hofman, em 1956 tornava-se a primeira mulher eleita Presidente da UBES – contudo, ela ficou pouco tempo cargo, sendo substituída por José Luis Barbosa Ramalho Cleorot, que foi reeleito no ano seguinte. A segunda mulher, eleita Presidente entidade foi Leila Márcia Santos em 1990. A terceira, Presidente da mesma foi Juana Nunes, no de 1997. Carla Thaís Santos, foi a quarta mulher a ocupar o cargo de Presidente da entidade no de 1999. No, ano de 2011, Manuela Braga foi eleita a quinta mulher a ocupar a Presidência da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES. Ver mais, em <http://ub.es.org.br/memoria/linha-do-tempo>.

que, o que se encontra em voga não adentrar o mercado de trabalho, mas condições dignas e igualitárias de trabalho, uma vez que, sempre nos encontramos submersas em relações opressivas e exploratórias de trabalhos. Assim, embora estes indivíduos não sejam em muitos casos pessoas negras estão submersos em relações de desiguais e opressivas.

Ao partir disto, também é válido enfatizar que, embora tenhamos como público alvo jovens mulheres participantes universitárias e secundaristas, daremos ênfase ao movimento estudantil secundarista por acreditarmos que a inserção dessas jovens, cada vez mais cedo, em grêmios estudantis, refletirá de forma positiva na vida política das mesmas quando adentram a universidade, bem como possibilita a formação de uma subjetividade com maior criticidade.

Contudo, constitui-se elementar destacarmos que os caminhos – e escolhas – tomados na realização desta pesquisa foram pensados objetivando o êxito das mesmas. Durante, no percurso dessa caminhada, inúmeros foram os obstáculos enfrentados que nos levaram ao resultado que aqui será apresentado, assim como nos induziram a diversas reflexões e mudanças de planos. Inicialmente, este trabalho tinha como público alvos apenas jovens mulheres secundaristas negras que atuam em grêmios<sup>2</sup>, Portanto, devido às dificuldades de participação dessas jovens encontradas, optou-se por acrescentar, ao público alvo, as jovens mulheres universitárias participantes de Centros Acadêmicos, assim como as que participam de voluntariamente da construção do mesmo, abrangendo mulheres negras e brancas, pardas e amarelas.

Com vistas nisso, metodologicamente opto por desenvolver uma pesquisa centrada em sujeitos<sup>3</sup>. Para Paul Mecheril (1997, p.33) a pesquisa centrada em sujeitos “examina, as experiências, auto percepções e negociações de identidades descritas pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito”. Sob esse prisma, aqui concebo cada sujeito participante como sujeito político, social e individual. Nessa perspectiva, minha posição de pesquisadora não é a de um *sujeito* distante que contempla para seus objetos de pesquisa, mas sim, subjetividade consciente. Isto significa dizer que eu respeito todas as declarações das entrevistadas, todavia, não significa dizer que eu aceito sem críticas todas suas declarações.

A pesquisa encontra-se dividida em três capítulos, sendo que, no primeiro capítulo fazemos um resgate histórico sobre os movimentos sociais, para tanto se tem como ponto, de partida o período da ditadura militar. O primeiro subtópico aborda o feminismo negro no Brasil, refletindo sobre as desigualdades que perpassam a vida das mulheres residentes do

---

<sup>2</sup> As jovens mulheres secundaristas entrevistadas nessa pesquisa são todas estudantes da C. E. Deborah Correia Lima. Todas residentes da urbana da cidade São Bernardo. Grifos nossos.

<sup>3</sup> Tradução do termo Subjektorientierte Untersuchung (Mecheril, 1997:2000).

município de São Bernardo e cidades vizinhas. Dando continuidade ao capítulo contempla-se o um debate acerca do lugar de fala, representatividade e empoderamento.

O segundo capítulo dedicamos exclusivamente ao movimento estudantil, no qual fazemos um breve lavamento histórico sobre os movimentos estudantis e seus diferentes contextos. Neste capítulo, contemplamos o desenvolvimento do ME no município de São Bernardo. O terceiro capítulo é dedicado ao percurso metodológico e apresentação dos resultados da pesquisa.

Nas considerações finais, apresentaremos nossas conclusões finais destacadas pela realização da presente pesquisa. Além disso, fazemos apontamentos que possibilitem o desenvolvimento de ações que visem a visibilização das narrativas destas estudantes, além de permitir que estas ocupem mais espaços de poder.

## 2 MOVIMENTOS SOCIAIS: Percorrendo caminhos históricos

De acordo com o pensamento colonialista europeu do século XV, o estado Moderno funda-se a partir de um contrato social estabelecido por homens livres. A partir de um suposto estágio original da humanidade – estado de natureza – de guerra de todos contra todos, em nome da segurança e do direito à propriedade privada se estabelece esse contrato. Para Friedrich Engels (1884), essa evolução descrita pelos contratualistas estaria na base dos fundamentos da sociedade patriarcal que torna a mulher e as crianças propriedades do homem em uma família monogâmica.

Nesse sentido Engels (1884, p.12) afirma:

Segundo a concepção materialista, o fator determinante, em última instância, na história é a produção e a reprodução da vida imediata que, no entanto, se apresentam só sob duas formas. De um lado, a produção de meios de subsistência, de produtos alimentícios, habitação e instrumentos necessários para isso. De outro lado, a produção do mesmo homem, a reprodução da espécie. A ordem social em que vivem os homens de determinada época histórica e de determinado país está condicionada por esses dois tipos de produção: de um lado, pelo grau de desenvolvimento do trabalho e, de outro, pela família. Quanto menos desenvolvido estiver o trabalho, quanto mais reduzida for a quantidade de seus produtos e, em decorrência, a riqueza da sociedade tanto mais fortemente a ordem social é dominada pelos laços de parentesco. Nessa estrutura da sociedade fundada nos laços de parentesco, a produtividade do trabalho aumenta sempre mais e, com ela, se desenvolvem a propriedade privada e as trocas, as diferenças de riqueza, a possibilidade de empregar força de trabalho alheia e, desse modo, a base dos antagonismos de classe: novos elementos sociais que, no transcorrer de gerações, procuram adaptar a velha organização social às novas condições até que, por fim, a incompatibilidade entre ambas produz uma transformação completa. A velha sociedade, baseada nos laços de parentesco, é destruída em decorrência do choque entre classes sociais recém-formadas. Em seu lugar surge uma nova sociedade, organizada em Estado, cujas unidades inferiores já não são agrupamentos sedimentados em laços de parentesco, mas unidades territoriais, uma sociedade em que o regime familiar está totalmente submetido às relações de propriedade e na qual se desenvolvem livremente as oposições de classe as lutas de classes que constituem o conteúdo de toda a história escrita até nossos dias.

Nestes constantes ciclos de mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais, bem como das relações familiares à humanidade escreveu e continua a escrever sua história. No linear do desenvolvimento da história, construída e em construção, originam-se os movimentos sociais<sup>4</sup>, que surgem como símbolo de luta das minorias, tendo como objetivo a luta pela conquista dos direitos sociais, políticos e civis dos cidadãos, sobretudo, das

---

<sup>4</sup> Define-se movimento social a partir da perspectiva de Gohn (1997), segundo o mesmo “os movimentos sociais como ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil”.



chamadas minorias. Dentro desse contexto, constitui-se essencial para o desenvolvimento do presente trabalho compreender a história dos movimentos sociais, suas dinâmicas e lutas. Com vistas nisso, é importante destacar que a transição para uma sociedade monogâmica – em que se origina a divisão da família – da propriedade privada – e surgimento do Estado – que tem como uma de suas características marcantes a luta de classes – marca o surgimento dos movimentos sociais na conquista de direitos entre explorados e exploradores. Neste novo cenário em que o Estado se encontra em formação, o surgimento dos movimentos sociais constitui-se imprescindível para a classe trabalhadora.

Os antagonismos criados pela fundação do Estado possibilitaram, dessa forma, o aparecimento dos movimentos sociais – que neste cenário do Estado Moderno – revela-se primordial para a luta da classe trabalhadora. A partir de Engels, podemos perceber que a formação do mundo, e do Estado, do modo como se desenvolveu no Ocidente (e a partir dele), é perpassada por conflitos sociais, políticos, culturais dentre muitos outros e que tem como base comum a divisão de classes, a propriedade privada, e o monopólio legítimo da força pelo Estado. Os antagonismos criados entre subalternizados e exploradores possibilitam, assim, a organização social coletiva de indivíduos com interesses em comum. Por meio dessa organização coletiva surgem os movimentos sociais como forma de reivindicação de direitos, até então negados a classe trabalhadora.

A história de formação do Estado brasileiro não difere muito da formação do Estado de outras sociedades. Nossa história também é marcada por conflitos e lutas sociais desde seu processo de colonização. Ao longo do tempo, tivemos inúmeros conflitos de cunho popular e social – passando pela Insurreição Pernambucana<sup>5</sup> (1645), a Inconfidência Mineira<sup>6</sup> (1789),

---

<sup>5</sup> A Insurreição Pernambucana, ocorreu no contexto da ocupação holandesa d parte da região Nordeste do Brasil, incluindo a região de Pernambuco. Os holandeses estabeleceram-se nessa região a partir de 630, no período que em o Brasil estava sob o jugo do trono espanhol, que estava unido a Portugal desde 1580 no processo conhecido como União Ibérica. As invasões holandesas, que ocorreram em colônias portuguesas na África também, como Angola, foram motivadas pelas divergências com a Espanha que iam desses problemas relacionados com o comércio marítimo até questões religiosas. A situação dos engenhos de açúcar de Pernambuco, que eram controladas pela Companhia das Índias (empresa holandesa), a partir da década de 1640, começou a apresentar sinais de declínio. Os produtores locais passaram a ficar insatisfeitos com a administração holandesa, que lhes cobrava os dividendos dos lucros a qualquer custo. Alguns senhores de engenho, pressionados pelos holandeses, refugiaram-se na Bahia: outros procuravam eximir-se da dívida de outras formas. Essa situação chegou a um ponto de saturação no ano de 1645, quando houve a primeira campanha de insurreição, sobretudo porque foi nesse ano que o governador Maurício de Nassau partiu de Pernambuco para a sua terra natal. Ver mais em, <https://m.historiadomundo.com.br/idade-moderna/insureicao-pernambuco.htm>. Acessado em, 29/11/2020.

<sup>6</sup> A Inconfidência Mineira, ou Conjuração Mineira, é como ficou conhecida a revolta de caráter separatista que estava sendo organizada na capitania de Minas Gerais no final do século XVIII. Essa revolta foi organizada pela elite socioeconômica de Minas Gerias e acabou sendo descoberta pela Coroa portuguesa antes de ser iniciada. Ver mais em, <https://m.brasilecola.uol.com.br/historiab/inconfidencia-mineira.htm>. Acessado em, 29/11/2020.

Guerra dos Palmares<sup>7</sup>, a Guerra de Canudos<sup>8</sup> (1896), a Balaiada<sup>9</sup>. Em todo cenário histórico e atual da sociedade brasileira, os movimentos sociais constituíram-se fundamentais para o desenvolvimento das transformações sociais, políticas e culturais vivenciadas pelo povo brasileiro. Assim, as lutas enfrentadas pelos mesmos possibilitaram aos movimentos uma história construída na resistência e conquistas de importantes direitos para o povo brasileiro, sobretudo, para o desenvolvimento do país.

Em 1º de Abril de 1964, se inicia no Brasil um dos períodos mais tortuosos vivenciados pela sociedade brasileira e analisados pelos estudiosos do assunto. Nesse sentido, os movimentos sociais de resistência ao período tiveram um papel fundamental na denúncia internacional desse sistema e, assim, em seu término.

De forma ainda discreta, em 64, o Estado brasileiro entra no período da ditadura militar, um momento marcado por tensões, conflitos, violências e mortes.

Nesse interim Guisoni (2014, p. 5) esclarece:

Nos últimos anos, os olhos do mundo se voltaram para o Brasil. Deixamos de ser, para a opinião pública internacional, o grande paraíso tropical do futebol e do carnaval. Somos vistos agora como o país das torturas, das perseguições e assassinatos políticos, o país modelo de todas as ditaduras reacionárias.

Neste contexto de vivências violentas, o desenvolvimento e articulação dos movimentos sociais constituem-se fundamentais para a história do Brasil. Por meio desses movimentos, se conquistou direitos, como a tão sonhada democracia, símbolo da luta e resistência do povo brasileiro. Entretanto, é importante compreendermos que estes 21 anos de

---

<sup>7</sup> Ocorrida na Capitania de Pernambuco, no atual estado de Alagoas, a Guerra dos Palmares foi uma longa tentativa da Coroa Portuguesa de acabar com a sociedade rebelde que se formava na região, em meados no século XVII, contra o sistema escravista. O Quilombo dos Palmares foi fundado na intenção de construir uma sociedade longe do poder dos senhores de engenho, especialmente do trabalho no cultivo do açúcar, o principal produto da economia da colônia no período. Ver mais em, <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/guerra-dos-palmares/>. Acessado em 29/11/2020.

<sup>8</sup> A chamada Guerra de Canudos, Revolução de Canudos ou Insurreição de Canudos, foi o confronto entre um movimento popular de fundo sócio-religioso e o exército da República, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, no interior do estado da Bahia, no Brasil. Ver mais em, <https://www.sohistoria.com.br/ef2/canudos/>. Acessado em, 29/11/2020.

<sup>9</sup> A Balaiada foi uma importante revolta popular que eclodiu na província do Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841. Nessa época, a economia algodoeira maranhense entrou em decadência quando a produção dos Estados Unidos se normalizou com o fim da guerra da independência, retomando o fornecimento para a Inglaterra e ao mesmo tempo sendo feroz concorrente do algodão maranhense. A profunda crise econômica e o quadro de miséria do sertanejo, dos artesões e dos negros escravos explicaram os rumos tomados pela Balaiada. De uma população de cerca de 200 mil habitantes da província, noventa mil eram escravos. Eram frequentes as manifestações da resistência servil e as fugas deram origem a numerosos quilombos. Ver mais em, <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/a-guerra-balaiada.htm>. Acessado em, 29/11/2020.

ditadura militar também foram marcados por manifestação de apoio ao governo – como exemplo, podemos citar a Marcha da Família com Deus pela Liberdade que antecedeu o golpe de Estado<sup>10</sup>.

No decorrer de todo processo de luta no Brasil, inúmeras foram às perdas sentidas pelos diferentes movimentos sociais, tudo em decorrência da forte repressão do estado brasileiro contra aqueles que ameaçavam o regime ditatorial. Para tanto, foram criados diversos mecanismos de defesa e controle de proteção contra os movimentos sociais. Nessa perspectiva, Guisoni (2014, p.10), alerta que “são organismos repressivos dotados de poderes especiais e constituídos com os agentes mais sanguinários dos vários serviços secretos. Os CODIs não registram as prisões que fazem: simplesmente sequestram”. O ano de 64 inaugurou um ciclo de completa barbárie humana em que invasões a domicílio, raptos, violência sexual, censura constituíram-se a marca oficial do regime militar brasileiro.

Sobre isso, Guisoni (2014, p.21) enfatiza:

A prática de torturas em nosso país tem sido uma prática sistemática e é uma regra e não uma exceção. Aqui mesmo, entre nós, há um jovem – Alberto Vinicius Melo do Nascimento – que foi torturado durante 16 dias, no Paraná e em São Paulo. Foi submetido a espancamentos, pau-de-arara, choques nos órgãos genitais, no ânus, nos pés, nas mãos, cabeça e nas nádegas. Sua perna foi quebrada a golpes de cacete e, sem gesso, assim ficou quebrada durante dez dias. Sua incomunicabilidade foi quebrada no dia 11 de fevereiro de 1971, tendo sido preso em 29 de novembro de 1970.

A realidade brasileira por aproximados 21 anos esteve pautada na tortura e violência de um sistema autoritário, dirigida por instituições ligada as forças armadas. Cinquenta e cinco anos depois da ditadura militar, a história de repressão e de ataques aos movimentos sociais emerge com a eleição de um presidente caudatário desse sistema militar. Na sociedade brasileira, em que parcela significativa da população constitui a sua cidadania a partir de um *habitus precário*<sup>11</sup>, fruto de um longo processo escravista, o modelo democrático é um regime de governo que emergiu sobre bases perenes.

---

<sup>10</sup> A Marcha da Família com Deus pela Liberdade realizada no dia 19 de Março de 1964, na cidade São Paulo contou com participação de cerca de 500 mil a 800 mil pessoas. O objetivo da mesma era protestar contra o comício de Goulart na Central do Brasil em que o mesmo defendia suas Reformas de Base na Central Brasil. É importante salientar que a Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi articulada pelo deputado federal Antônio Sílvio Cunha Bueno (PSD), um grande e importante proprietário de terras e também diretor da norte-americana Willys-Overland Motors do Brasil que buscava defender seus interesses.

<sup>11</sup> Jessé de Sousa: a construção social da subcidadania, 2003.

A luta travada pelos movimentos dera os moldes para a construção do estado democrático de direito, assegurado na Constituição Federal de 1988, representação a máxima da luta brasileira em prol da democracia, da luta por Direitos Humanos e sociais. Com vistas nisso, a atuação dos movimentos sociais tornou-se essencial para o período histórico e para a consolidação dos próprios movimentos em diferentes períodos históricos.

A história brasileira foi gestada na luta por direitos e construída pelos movimentos sociais. Na ditadura, esses movimentos tiveram atuação de destaque na consolidação dos Direitos Humanos, promulgados em 10 de dezembro de 1948, dos quais o Brasil é signatário e que, contudo, só criou mecanismos de proteção a esses direitos a partir da Constituição Federal de 1988 – considerada a Constituição Cidadã. Só após 40 anos, e com a atuação de movimentos sociais disseminados pela sociedade brasileira, esses direitos passaram a ser de fato reconhecidos na legislação brasileira e, junto desse marco legal, órgãos e conselhos da sociedade civil surgiram – tendo por intuito garantir a proteção integral e acesso a esses direitos.

## **2.1 Feminismo Negro no Brasil**

Historicamente, na sociedade brasileira, assistimos as diferentes dinâmicas desiguais de relações de gênero que se desenvolveram e se perpetuaram em distintas épocas da história de nossa sociedade. Nos muitos arranjos da sociedade brasileira através da história, as relações de gênero assumiram contornos específicos, entrelaçados a sistemas de desigualdade e opressão, com diferentes estruturas gestadas a partir de distintas formas de organizações sociais.

Biroli e Miguel (2014, p.8) esclarecem que as relações de gênero atravessam toda a sociedade, e ressaltam:

As relações de gênero atravessam toda a sociedade, e seus sentidos e seus efeitos não estão restritos às mulheres. O gênero é, assim, um dos eixos centrais que organizam nossas experiências no mundo social. Onde há desigualdades que atendem a padrões de gênero, ficam definidas também as posições relativas de mulheres e de homens – ainda que o gênero não o faça isoladamente, mas numa vinculação significativa com classe, raça e sexualidade.

Neste sentido, é essencial compreender que as transformações vivenciadas pelas mulheres por meio das ações e ideais dos movimentos feministas, sendo a atuação deste um marco de profundas transformações na estrutura do Ocidente (SCOTT), instituindo o surgimento da História das Mulheres um fator crucial de posicionamento das mulheres como agentes e sujeitos de suas próprias histórias. Desde então, as mulheres passaram a ser vistas como indivíduos, de vontades, desejantes, escolhas e que passaram a requerer o seu lugar de fala.

Suas primeiras manifestações ocorrem por meio da luta pela conquista do voto (para as mulheres brancas), o chamado sufrágio universal, ainda com as mulheres que ficaram conhecidas como as sufragistas.

Em concordância com esse pensamento Pinto (2010, p.15) afirma que:

A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

As sufragistas, com suas ideias revolucionárias, por meio do sufrágio universal, inauguraram as bases do feminismo, movimento este que se disseminou pelo mundo, marcando o início da luta das mulheres brancas por uma sociedade igualitária para homens e mulheres. Sobretudo, marcando o início da luta das mesmas por direito ao corpo e por reconhecimento enquanto sujeitos políticos - principalmente ao se verem atreladas ao espaço doméstico, espaço este ocupado em sua grande maioria por mulheres negras<sup>12</sup>. As sufragistas

---

<sup>12</sup> Segundo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou nesta segunda-feira, dia 23, um retrato sociodemográfico do trabalho doméstico no Brasil, que mostra redução na proporção de mulheres ocupadas que se dedicam a esse tipo de atividade: de 17%, em 1995, para 14,6%, em 2018, em média. O índice sobe para 18,6% entre mulheres negras, contra 10% quando se trata de mulheres brancas. A pesquisa conclui que o trabalho doméstico remunerado ainda é caracterizado por uma atividade precária, com baixos rendimentos, baixa proteção social, discriminação e até assédio. Mais de 6 milhões de brasileiros dedicam-se a esses serviços como mensalistas, diaristas, babás, cuidadoras, motoristas, jardineiros ou quaisquer outros profissionais contratados para cuidar dos domicílios e da família de seus empregadores. Desse total, 92% são mulheres – em sua maioria negras, de baixa escolaridade e oriundas de famílias de baixa renda. Ver mais em, [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35255&catid=10&Itemid=9](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35255&catid=10&Itemid=9). Acessado em, 06/12/2020.

representam um importante momento dessa história. Porém, essa história está em constante movimento, uma vez que o modelo de sociedade que fundamenta essas relações desiguais ainda perdura (DAVIS, 2017).

Se para as mulheres brancas o mercado de trabalho surgia como uma reivindicação, para as mulheres negras o mercado de trabalho já era uma realidade visto que, desde o processo escravagista, elas já se encontravam inseridas em relações de trabalho opressoras. Neste momento (1970) as intelectuais negras desempenham um importante papel ao fornecer as bases para o surgimento dos feminismos negros, com a reflexão e questionamento trazidos por essas, e inaugurando uma nova fase do feminismo.

Segundo hooks<sup>13</sup> (2014, p.18):

O homem negro foi inicialmente explorado como um trabalhador dos campos; a mulher negra foi explorada como uma trabalhadora dos campos, uma trabalhadora das tarefas domésticas, uma criadora de animais e como um objeto dos assaltos sexuais dos homens brancos

O feminismo negro dessa maneira revela-se essencial para a quebra do silêncio historicamente institucionalizado pelo sistema opressor criado pela lógica do colonizador, lógica que segrega espaços de poder para os indivíduos subalternizados. Nesse aspecto, “a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle” (MORRISO, 2019, 24), assim, o mesmo exerce um significativo papel para a compreensão dos complexos processos de exploração e desigualdades que atingem as mulheres, em seus diferentes elementos – uma vez que foi por meio dele que se evidenciaram as múltiplas formas de marginalização, sexismo, e racismo principalmente, da mulher negra.

Neste sentido, “o feminismo mostra, assim, que é impossível descolar a esfera política da vida social, a vida pública da vida privada, quando se tem como objetivo a construção de uma sociedade democrática” (BIROLI, 2014, p.33). Com vistas nisso, este trabalho desenvolvido busca refletir sobre diferentes prismas na vida das mulheres e na visibilidade das desigualdades de gênero, uma vez que foi por meio dos movimentos feministas que as mulheres questionaram seus papéis e reivindicaram seus direitos.

---

<sup>13</sup> Em respeito ao desejo manifestado pela autoria optou-se por escrever o nome da mesma com letras minúsculas.

A compreensão desse contexto torna-se importante para compreendermos as discrepâncias sociais e econômicas existentes entre nós mulheres negras, pardas e brancas na sociedade brasileira. Assim, como possibilita a compreensão acerca do lugar marginalizado e invisibilizado ocupados por mulheres de cor no interior do Maranhão, estas mulheres em sua grande maioria encontram-se ocupando empregos mal remunerados – e, o desemprego<sup>14</sup>, tendo visto, que no município de São Bernardo, inúmeros são os relatos de mulheres que trabalham para receberem R\$ 200, 00 ao final do mês.

O CCN Brasil (2020) aponta:

As desigualdades econômicas seguem intensas em diversos segmentos da sociedade, conforme aponta a pesquisa. Entre as pessoas que se declararam pretas e pardas, o desemprego avançou, de 13,5% e 12,6% no quarto trimestre de 2019, para, respectivamente, 15,2% e 14% atualmente. Ao mesmo tempo, índice de desemprego entre as pessoas brancas subiu de 8,7% para 9,8%. A taxa de desocupação foi estimada em 10,4% para os homens e 14,5% para as mulheres.

Neste sentido, quando pensamos sobre o prima das relações desiguais existentes entre nós mulheres, brancas, negras e pardas, residentes de cidades interioranas, o acesso a direitos, bem como, as oportunidades de mudança social é perpassada por obstáculos que incide diretamente em nossas vidas.

Partindo desse pressuposto Gonzáles (1984, p. 232) afirma:

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (...) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as

<sup>14</sup> Já as maiores altas no desemprego foram apresentadas pelo Maranhão (MA), onde o indicador cresceu 3,9 pontos percentuais. Ver mais em, <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/05/15/desemprego-cresce-em-12-estados-brasileiros-e-chega-a-18-segundo-pnad-do-ibge>. Acessado, em 06/12/2020.

prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão.

Dessa forma, revela-se pertinente refletir acerca desse lugar ocupado por essas mulheres, tendo visto que as relações desiguais resultam diretamente na possibilidade de ascensão social das mesmas. Para nós mais, classe e renda salarial são divisores de acesso a bens culturais entre as mulheres residentes do interior do Maranhão e os grandes centros urbanos, assim, a falta de oportunidades, e o acesso a recursos torna-se um limitador na visibilidade das narrativas dessas mulheres. Com vistas nisso, é importante destacar que quando se debate sobre feminismo negro, não se pode construir um diálogo sem trabalhar conceitos como lugar de fala, haja visto, ser está uma categoria crucial para refletir acerca do *lugar social/locus*, ocupado por mulheres negras e pardas. Neste sentido, o subtópico a seguir destina-se a trabalhar tal temática.

## 2.2 Pensando lugar de fala

As mulheres negras, ao reivindicarem acesso a espaços historicamente negados às mesmas romperam importantes barreiras sociais, políticas, culturais existentes dentro da sociedade brasileira. Compreender o lugar de fala dessas mulheres dentro desse contexto, constitui-se fulcral para entender suas particularidades.

É importante, nessa perspectiva, compreender, por exemplo, que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p.66). A fala, assim como a representatividade, reflete não apenas um ato simbólico de falar, mas diz respeito ao ato de existir e resistir dentro de uma sociedade fundada no processo escravocrata.

Ribeiro (2017, p.66) ainda contribui com este estudo esclarecendo que:

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo.



É importante lembrar que todos os indivíduos tem lugar de fala, uma vez que lugar de fala trata-se de uma *locus social* que os sujeitos ocupam dentro da sociedade. O posto em questão pelo movimento feminista negro é que pessoas brancas ocupam posições distintas de pessoas negras, logo ambas têm vivências completamente diferentes. Dessa forma, embora pessoas não brancas entendam a complexidade do racismo e do sexismo, elas não têm a vivência e propriedade sobre o assunto como uma pessoa negra que historicamente foi submetida às opressões que perpassam classe, raça e gênero.

Para as mulheres negras “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (RIBEIRO, 2017, p.92). O falar para as mulheres negras não é unicamente um ato simbólico, mas, principalmente, representa um ato de resistência, uma forma de quebrar anos de silenciamento e violência perpetrados por dispositivos de poder. O lugar de fala revela também um lugar de poder, portanto, para o movimento feminista o falar é também o resistir e lutar para ter direito a voz, a vida. Dessa forma, ao ocuparem os seus lugares de falas nos espaços que historicamente lhes foram negados, essas mulheres constroem novas formas de resistência, vivências e narrativas que se refletem na construção da própria população negra.

O lugar de fala representa um ponto de partida de produção de **escrevivências**<sup>15</sup>, como destaca Conceição Evaristo. Narrativas cotidianas de mulheres negras emergem, destacando-as como protagonistas de narrativas históricas, sociais e culturais – retirando-as dos bastidores e das pequenas resistências cotidianas. Os movimentos feministas negro representam um marco na história de mulheres que, com o surgimento, se uniram em um coro uníssono, transformando dor em luta. O lugar de falar como um lugar de poder possibilitou para as mulheres negras o ato de existir e resistir às violências perpetradas pelo discurso hegemônico.

A partir dessa perspectiva, pensar os lugares de fala das mulheres de cor residentes de contextos desprivilegiados, tendo visto, a invisibilização de suas trajetórias de vidas constitui-se um processo fundamental a ser feito, uma vez, que o silêncio sobre suas narrativas é a negação de suas existências. Partindo dessa perspectiva, torna-se crucial refletir acerca do conceito de empoderamento, tendo visto que, essas estudantes encontram-se construindo seus

---

<sup>15</sup> Para a escrita negra o conceito de escrevivência, é a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo. Assim o ato de escrevivência surge como um ato de resistência.

lugares de fala e poder, além de estarem se empoderando e empoderando uma a outra. Nesse contexto o próximo subtópico, destinada a abordar sobre a categoria de empoderamento.

### **2.3 Práticas discursivas em torno do conceito de empoderamento**

Os movimentos feministas historicamente constroem uma história de ações e práticas pela conquista da equidade de gênero, a construção de uma sociedade igualitária para todos. Entretanto, este vem se mostrando um trabalho diário, árduo, que leva tempo para conquista de seus frutos. Mesmo com todas as suas singularidades, com suas diferentes correntes, esse possibilita a construção de metodologias e conhecimentos importantes para a luta da mulher.

Conforme aponta Davis (2018, p.99):

O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias “mulher” e “gênero”. As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas.

A cada nova transformação, o movimento incorpora as suas práticas, ações, discursos e debates de novos conhecimentos e novos conceitos. Inúmeras são as produções clássicas e contemporâneas desenvolvidas por importantes intelectuais do feminismo negro que debatem as dinâmicas de opressão de gênero e de cor.

Tendo em vista que, o feminismo negro constitui-se central para a compreensão da história da mulher negra, suas vivências, nos permitindo compreender como os processos de exploração/opressão são diferentes para as mulheres negras. Torna-se significativo para o desempenho deste trabalho analisar o feminismo negro na atualidade, assim como estudar as práticas discursivas em volta do conceito de empoderamento.

O conceito de empoderamento<sup>16</sup> “surgiu da “práxis” para a “teoria”, sendo utilizado primeiro por ativistas feministas e por movimentos de base para depois se tornar objeto de teorização” (AITHAL, 1999). O debate acerca do conceito ocorre por duas vias distintas.

---

<sup>16</sup> Conceito trabalhado a partir da perspectiva da autora negra Joice Berth.

Assim, se por um lado, o conceito foi levado para a academia, ganhando espaço nas perspectivas feministas sobre “poder” (ALLEN, 2005), enquanto, por outro, foi apropriado nos discursos sobre “desenvolvimento”, perdendo, nesse processo, muito das suas conotações mais radicais e, desse modo, sendo visto com desconfiança por feministas não familiarizadas com suas origens radicais (AITHAL 1999). Essa desconfiança ocorre porque, no decorrer do percurso histórico, a categoria vem ganhando novas significações.

O conceito de empoderamento nos últimos anos tem se tornado comum aos discursos tanto de cunho acadêmico, político, de órgãos governamentais e não governamentais, dando-lhe um caráter que dialoga e expande com as perspectivas do senso comum, concebendo uma diferente interpretação para os diferentes contextos. Com vistas nisso, a autora negra brasileira Joice Berta, em seu livro intitulado, “O que é empoderamento”, enfatiza que o mesmo “é um instrumento de emancipação política e social” (BERTH, 2018, 14), processo este individual e coletivo de mudança social, compreende-se, dessa maneira, o empoderamento no movimento feminista negro como sendo um processo de lutas contra as relações desiguais.

Nessa perspectiva, é substancial destacar, o que enfatiza Beth (2018, p.14):

[...] quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.

Dentro da perspectiva do feminismo negro, o empoderamento enquanto prática individual e coletiva constitui-se fundamental na construção do compartilhamento de práticas do empoderar-se. As mulheres negras, nesse espectro, constroem mecanismos de luta e enfrentamento ao sexíssimo e a luta antirracista. Suas práticas de empoderamento de mulheres negras agem de forma positiva na organização de suas ações e organizações, evidenciando uma forte solidariedade entre elas.

As mulheres negras são, assim, responsáveis pela construção de uma identidade negra de orgulho, suas práticas de empoderamento e de representatividade possibilitam a construção da subjetividade de inúmeras mulheres negras, desde crianças a mulheres na fase adulta.

### 3 O MOVIMENTO ESTUDANTIL, MEMÓRIA E TRAJETÓRIAS: UNE

A trajetória do movimento estudantil brasileiro é perpassada por acontecimentos históricos que refletiram diretamente na organização estudantil desses estudantes. Diante de importância de se compreender tais acontecimentos, faremos um breve resgate histórico acerca da história da União Nacional dos Estudantes (UNE), entidade estudantil, que representa os estudantes universitários, entidade que teve um importante papel de organização estudantil durante o período da ditadura militar.

No dia 11 de agosto de 1937, na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, o então Conselho Nacional de Estudantes conseguiu consolidar o grande projeto, almejado anteriormente algumas vezes, de criar a entidade máxima dos estudantes. Reunidos durante o encontro, os jovens batizaram a entidade como União Nacional dos Estudantes. Desde então, a UNE passou a se organizar em congressos anuais e a buscar articulação com outras forças progressistas da sociedade. O primeiro presidente oficial da entidade foi o gaúcho Valdir Borges, eleito em 1939 (UNE, S/N).

A história do movimento estudantil tem seus primórdios em 1937 com a criação da mesma, desde sua criação a respectiva a entidade desempenhou um importante papel na organização dos estudantes brasileiros, que resultaram na aquisição de uma educação gratuita e para todos. Durante o ano de 1946 teve papel crucial na campanha “O Petróleo é Nosso”, que resultou na criação da Petrobras. Além disso, nos de 1964 a 1985 teve uma atuação fundamental na organização dos estudantes e da sociedade civil no combate à ditadura civil-militar.

Segundo Hagemeyer (2016, p.33)

O engajamento dos estudantes sob a ditadura militar no Brasil pode ser entendido como uma tentativa de construção de uma nova esfera pública. Isso dependia da criação e do desenvolvimento de uma nova sociabilidade, gerada na própria experiência de revolta, a partir do ataque ao regime militar e ao imperialismo americano e capaz de produzir, assim, uma nova identidade, calcada na solidariedade entre os manifestantes.

Neste complexo momento da história brasileira, em que os estudantes brasileiros encontravam-se lutando contra um regime autoritário, que restringia direitos, liberdade de expressão, a entidade chegou a cair na ilegalidade, voltando a legalidade tempos depois.

Todavia, mesmo diante da ilegalidade a União Nacional dos Estudantes conseguiu manter-se atuante, chagando a mobilizar cerca de 50 mil pessoas para a passeata dos cem mil. Passando pela ditadura que chega ao fim em 1985, a respectiva entidade, encabeçou a luta pelas Diretas Já - Forra Collor, que pedia o impeachment do ex-presidente por escândalos de corrupção. Partindo dessa perspectiva é válido ressaltar que a fundação da Une, possibilitou a organização estudantil secundarista, tendo visto que, muitos estudantes secundaristas estiveram juntamente da entidade, antes do surgimento do primeiro grêmio estudantil em 1902.

### **3.1 Movimento estudantil e suas dinâmicas temporais**

O movimento estudantil secundarista exerceu – e exerce um importante papel de atuação para a construção das ações e conquistas dos direitos dos estudantes brasileiros. Dentro desse cenário, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), desempenha um papel central na articulação desses sujeitos, assim como, na conquista dos direitos estudantis.

Durante o período da Ditadura Civil-Militar, outros segmentos da sociedade protagonizaram um importante papel na luta pela redemocratização do Brasil, bem como a luta por uma educação pública, de qualidade e emancipatória.

Sobre o histórico de recriação da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), Bittar e Bittar (2014, p. 12-13) preponderam:

Outro importante movimento foi a recriação, desde 1977, da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), ato consolidado em 1981 na cidade de Curitiba. Essa entidade havia sido fundada em 1948 e atuava em colaboração com a UNE. No início da década de 1960, passaram a integrar a Frente de Mobilização Popular que envolvia outros importantes movimentos sociais brasileiros da época. Em 1964, a UBES sofreu um duro revés. Muitos de seus dirigentes e militantes foram perseguidos e exilados, a organização da entidade ficou debilitada, e, em seguida, foi extinta (1969 a 1980), período no qual os estudantes continuaram a se organizar diretamente nas escolas.

Contudo, o momento não representou unicamente vitórias para o movimento e para a educação brasileira, visto que, a entidade vivenciou a ilegalidade, repressões e violência

praticadas pelo regime ditatorial. Ao longo desse percurso de ações e conquistas, a UBES passou por perdas de militantes devido à violência da Ditadura Civil-Militar, assim “em 1968, durante uma de suas manifestações no Rio de Janeiro, o assassinato do estudante secundarista Edson Luís Lima Souto, de 16 anos de idade, transformou-se em símbolo de resistência contra a ditadura e marcou a história da UBES” (BITTAR & BITTAR, 2014, p.13). A história de Edson<sup>17</sup> repercutiu no mundo, evidenciando uma fase desconhecida por muitos do regime militar.

A atuação da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas revela o envolvimento dos jovens na defesa dos seus interesses, reivindicando o acesso a uma educação de qualidade. Anos depois da luta encabeçada pelos estudantes contra a ditadura militar, eles voltam novamente a desenvolver um importante trabalho nas ocupações de 2015 contra o governo interino. Recentemente, as ocupações são resultados da proposta apresentada pelo governo da reformulação do ensino médio, sem a construção de um diálogo com a comunidade escolar, principal afetada pela medida.

A Medida Provisória n. 746/16, ao flexibilizar o currículo do ensino médio, pode favorecer a desqualificação de conteúdo das disciplinas da área de humanas e não alcançar os objetivos de uma educação crítica e emancipatória, mas, sim uma educação com caráter técnica voltada para a formação de mão de obra para o mercado de trabalho (LEME; RUÍZ, S/N).

A medida apresentada pelo governo foi recepcionada pelos estudantes de forma negativa por se tratar de uma proposta sem diálogo com a comunidade acadêmica, que fragmenta o desenvolvimento de uma educação de gratuita, de qualidade e emancipatória como coloca a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96.

A MP 746/16, na prática, instaura a contrarreforma do Ensino Médio e compromete todo o sistema educacional brasileiro. Entre as mudanças estão: a não obrigatoriedade do ensino de algumas disciplinas; uma carga horária mínima anual do ensino médio, que deverá ser progressivamente ampliada para 1.400 horas; deixar a cargo do estudante a escolha das disciplinas a cursar; e, ainda, que profissionais sem licenciatura ou formação específica sejam contratados para ministrar aulas. Em resposta a posição antidemocrática do governo, dezenas de protestos, paralisações, aulas públicas e ocupações vem sendo realizadas desde o anúncio da medida, em 23 de setembro (ANDES, S/N).

---

<sup>17</sup> Contudo, torna-se necessário destacarmos que a forma como ocorreu a morte do estudante não é um ponto de consenso entre os estudiosos do assunto.

Com vistas, os estudantes secundaristas organizaram-se e ocuparam suas respectivas escolas como forma de protesto pela medida provisória. As ocupações ou primavera secundarista, ou ainda, primavera feminista<sup>18</sup> se constituiu um importante momento da história dos estudantes secundaristas brasileiros na atualidade, tendo visto que o movimento encontrava-se disperso. Assim, as ocupações protagonizaram a visibilidade as jovens mulheres brasileiras com suas diferentes singularidades.

Neste complexo momento político, o Brasil vivenciou sob a ótica de o movimento estudantil secundarista o florescer da Primavera feminista advinda da participação feminina nas ocupações iniciadas no de 2015 nas escolas, universidades e institutos brasileiros. O movimento estudantil vivencia o encontro com as ideais dos movimentos feministas.

Iniciadas em 9 de Novembro de 2015 – nas escolas estaduais Diadema, no ABC Paulista, e Fernão Dias, na zona Oeste da capital -, as ocupações que alcançaram mais de 200 escolas públicas tiveram como particularidade a força das jovens secundaristas, que despertaram atenções para um feminismo rejuvenescido. A energia do movimento e das jovens mulheres que o protagonizaram são a matérias prima do filme produzido por Beatriz Alonso e Flávio Colombini (2016, S/N).

O filme/documentário intitulado “Lute como uma Menina” é fruto das ocupações, tendo como principal referência à atuação feminina frente ao desenvolvimento das ações realizadas nos diferentes espaços e contextos da militância estudantil. A efervescência do protagonismo feminino introduziu neste cenário importantes reflexões e contribuições acerca de um feminismo de caráter juvenil, em que jovens mulheres demonstravam conhecimento de suas realidades sociais, de suas bandeiras, compreendendo a importância da participação feminina nos espaços de poder. Desse modo, o protagonismo feminino nas ocupações coloca em evidência um feminismo rejuvenescido com jovens mulheres ocupando espaços de poder.

### **3.2 Movimento estudantil no interior do Maranhão**

No decorrer do percurso histórico de construção e consolidação, das lutas e conquistas, o movimento estudantil secundarista passou por inúmeros contextos. Entre as dinâmicas de perdas e vitórias, seu desenvolvimento ocorreu em um complexo momento da história do

---

<sup>18</sup> Primavera feminista foi o nome dado as manifestações – e ocupações, que ocorreram no ano de 2015 e 2016 em diferentes cidades e estados do Brasil. O termo faz referência ao grande número de mulheres participantes, e ao fato que as mulheres eram as líderes das ocupações.

país. Os complexos processos históricos consolidaram e fortaleceram o movimento estudantil secundarista brasileiro, hoje presente em praticamente em todas as escolas do país por meio de grêmios estudantis. No estado Maranhão, um dos mais importantes acontecimentos na trajetória do movimento estudantil deu-se entorno da greve da meia passagem<sup>19</sup>, organizadas por estudantes da cidade de São Luís, no ano de 1979, durante os dias de 14 a 22 de setembro.

No âmbito do estado do Maranhão – ambiente de nossa pesquisa – inúmeras são as ações políticas por entidades estudantis como a UBES<sup>20</sup>, UJS<sup>21</sup>, UNE<sup>22</sup> e a AMES<sup>23</sup>, objetivando a introdução juvenil no debate político – assim como a militância destes estudantes nas respectivas entidades. No ano de 2016 o Brasil acompanhou por meio da mídia alternativa a ocupação de inúmeras escolas e universidades nos diferentes estados brasileiros, no Maranhão esta realidade não ocorreu de forma diferente, os estudantes ocuparam escolas e universidades – inclusive o Campus de São Bernardo, foi um dos Campus ocupados – ao qual eu tive a oportunidade de participar da construção deste momento, assim, como pude conhecer a realidade de outras ocupações.

No mesmo de 2016 a Ubes deu início a mobilização “Caravana Estudantil: a juventude do Maranhão pede passagem ” com o objetivo de promover/debater uma escola mais democrática, que coloque os estudantes como protagonistas desse processo, a caravana passou por 29 instituições de ensino, promovendo a realização de oficinas, palestras, rodas de conversas e atividades culturais e esportivas, possibilitando a construção de diálogos sobre diversidade de gênero, arte, engajamento político dentre muitos outros. Todavia, no município de São Bernardo a inserção de movimentos estudantis de cunho secundarista ocorreu de forma mais tarde quando comparado com outras realidades sociais como a Capital São Luís.

O surgimento de grêmios estudantis nas escolas do presente município ocorreu a partir de 2015, como fruto de uma política do governo Flavio de Dino. Cabe, aqui destacar dois importantes projetos desenvolvidos pelo estado lançados no ano de 2018, sendo um o Projeto “Emaranhando Sonhos<sup>24</sup>” e o Projeto “Fazendo Escola<sup>25</sup>”, ambos lançados pela Secretaria de

---

<sup>19</sup> A greve aconteceu em virtude do aumento consecutivo referente ao valor da passagem à época. Tal fato provocou uma mobilização por parte dos estudantes da Universidade Federal do Maranhão, que contou com o apoio de outros setores da sociedade, bem como, do movimento estudantil. Grifos nossos.

<sup>20</sup> Sigla usada para fazer referência a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Grifos nossos.

<sup>21</sup> Sigla usada para referenciar a entidade estudantil União da Juventude Socialista. Grifos nossos.

<sup>22</sup> Sigla usada para referenciar a entidade estudantil União Nacional dos Estudantes. Grifos nossos.

<sup>23</sup> Sigla usada para identificar a Associação Maranhense dos Estudantes Secundaristas. Grifos nossos.

<sup>24</sup> O Projeto Emaranhado Sonhos, que tem parceria também da Secretaria de Estado Extraordinária da Juventude (Seejuv), tece uma rede articulada de grêmios estudantis, incentivando a participação de estudantes na gestão



Estado da Educação (SEDUC) e pela Secretaria de Estado da Mulher (SEMU) que objetivam o protagonismo juvenil destes estudantes.

Com o desenvolvimento dessas políticas que incentivam a participação dos estudantes secundaristas, é que o município de São Bernardo passou a ter grêmios estudantil presentes nas escolas do estado, contudo, mesmo com essas políticas apenas uma escola do município conta com grêmios estudantil. Embora, estas estudantes apresentem engajamento nas ações desenvolvidas na escola, como palestras, rodas de conversa e muitas outras atividades, observa-se baixa participação feminina, quando comparamos com realidades como as dos grandes centros urbanos.

No cenário universitário, essa realidade apresenta diferenças uma vez que, o movimento estudantil universitário presente na Universidade Federal do Maranhão – São Bernardo teve ao longo de sua trajetória importantes ações como, as ocupações no ano de 2010 e 2016. Além disso, estes estudantes são responsáveis por desenvolver uma série de atividades como manifestações, palestras, mesas redondas, aulas dentre muitas outras atividades, durante 2018 e 2019 em defesa das instituições públicas de ensino. É válido que estas atividades gestadas no respectivo contaram em ambos os momentos com a participação dos estudantes secundaristas. Abaixo apresentamos algumas fotos tiradas das atividades organizadas em conjunto entre movimento estudantil secundarista e universitário

Imagem 1 – Manifestação pelo ensino público



Fonte: Autor, 2019

participativa da escola e comunidade. Ver mais em, <http://www.juventude.ma.gov.br/2018/05/03/governo-lanca-projetos-amaranhando-sonhos-e-fazendo-escola-para-empoderamento-de-estudantes-maranhenses/>.

<sup>25</sup> O projeto Fazendo Escola debate a discriminação de gênero, com foco na importância de respeitar todas as mulheres. <http://www.juventude.ma.gov.br/2018/05/03/governo-lanca-projetos-amaranhando-sonhos-e-fazendo-escola-para-empoderamento-de-estudantes-maranhenses/>.

**Imagem 2- Escola C.E.DR. Henrique Couto em manifestação**



Fonte: autor, 2019.

**Imagem 3- Projeto grêmio itinerante**



Fonte: autor, 2019.

**Imagem 4- Aula publica em favor do ensino publico**



Fonte: autor, 2019.

**Imagem 5- Aula publica em favor do ensino publico**



Fonte: autor, 2019.

**Imagem 6- Preparação para as caminhadas secundaristas**



Fonte: autor, 2019.



## 4 PERCURSO METODOLÓGICO E RESULTADOS

O diálogo construído nos capítulos constitui-se importantes para pensarmos o processo de invisibilização – e, silenciamento – sob as narrativas, vivências, das mulheres residentes do município de São Bernardo e cidades vizinhas. Nesta sessão iniciaremos a apresentação dos resultados adquiridos por meio desta pesquisa, assim como relataremos os obstáculos vivenciados para a realização da mesma. Porém, antes de adentrarmos ao nosso trabalho, apresentarei as participantes de nossa pesquisa. É importante enfatizar que os nomes das participantes foram todos trocados por nomes fictícios por moral ética da pesquisa. Abaixo segue o quadro caracterizando-a segundo marcadores sociais.

Com vistas nisso, faz-se necessário uma apresentação acerca do local a qual desenvolveu-se a respectiva, antes de nos debruçarmos nos dados da pesquisa. São Bernardo, está localizada no leste do estado do Maranhão, apresenta uma distância de aproximadamente 400 km da capital São Luís<sup>26</sup>, com uma população estimada em 28 mil habitantes. Nota-se que a distância e as péssimas condições rodoviárias, em muitas das vezes impedem o acesso a importantes bens culturais, econômicos, sociais, educacionais, como acesso ao museu, biblioteca pública dentre muitos bens que estão disponíveis apenas nos grandes centros urbanos, como é o caso de São Luís.

**Tabela 1- Informações das participantes**

Tabela de dados		
Nome	Idade	Cor
<b>Frida</b>	17	Branca
<b>Rosa Parks</b>	18	Parda
<b>Nina Simone</b>	17	Parda
<b>Aretha Franklin</b>	18	Parda
<b>Rosa</b>	21	Amarela
<b>Luxemburgo</b>		
<b>Maria Firmino</b>	20	Parda

<sup>26</sup> A presente distância de cerca de 400km da capital evidencia-se ainda maior quando pensamos sobre as lamentáveis condições de acesso as rodovias, repletas de buracos e sem acostamento.

<b>Pagu</b>	21	Parda
<b>Madame Walker</b>	25	Parda
<b>Dandara</b>	27	Parda
<b>Maria Bonita</b>	22	Branca

Fonte: SANTOS, 2020.

A pesquisa foi realizada com 10 mulheres estudantes, sendo 5 estudantes secundaristas e 5 universitárias, em dois encontros, na Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo. A escolha desse espaço se deve ao fato de a mesma contar com uma infraestrutura capaz de permitir a realização da metodologia de grupo focal, com os debates ocorrendo em um ambiente relativamente neutro – no caso das secundaristas, distante do local em que estudam.

Segundo Kitzinger (2000), a metodologia de grupo focal é uma forma de entrevista em grupos baseada a partir da comunicação e interação sobre um tópico específico apresentado pelo pesquisador, com a participação de um grupo de sujeitos previamente selecionados. A dinâmica desses grupos focais ocorreu com a elaboração de perguntas feitas às participantes, em que as mesmas desenvolveram um debate/diálogo referente às questões propostas a elas. Com vistas nisso, é importante destacarmos que houve momentos em que algumas estudantes usaram de sua liberdade para absterem-se acerca do questionamento de algumas perguntas.

Pelo fato de algumas lideranças terem mais facilidade para falar do que outras acreditamos que esse tipo de dinâmica acaba ocorrendo que algumas acabam sendo influenciadas pela opinião das outras – ou se sentindo coagidas. De todo modo, o recurso a essa metodologia com esse grupo, mostrou-se um recurso de obtenção dos dados bastante interessante, visto que se assemelha às assembleias estudantis – em que o debate de ideias e a construção de pautas comuns são construídos.

Neste sentido, o grupo focal apresenta diferenças da entrevista individual visto que, possibilita a interação os indivíduos participantes da pesquisa com o intuito de obter os dados necessários para a pesquisa. Assim, como permite que os sujeitos manifestem seu desejo de absterem-se de determinados processos e indagações. Para Gaskell (2002, p. 79): “os grupos focais propiciam um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos

participantes. Um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração”. Na nossa pesquisa, entretanto, como foram dois grupos diferentes, precisamos destacar que, diferentemente do que o autor coloca, os marcadores sociais das alunas interferiram na dinâmica e nas respostas. Não há como comparar as secundaristas com as jovens universitárias que, após o ingresso no universo acadêmico, passam a adquirir uma linguagem acadêmica muito mais robusta, tendo mais instrumentais para sustentar seus argumentos.

Por meio do grupo focal, nos foi possibilitada a construção de um diálogo acessível com as participantes, o que nos permitiu maior interação com elas, resultando assim, no desenvolvimento do respectivo procedimento metodológico. A realização da presente atividade de grupo focal aconteceu em uma sala de aula da universidade federal, ampla, e com o intuito de contribuir para uma maior interação entre as participantes, organizou-se as cadeiras em forma de círculo. Ao chegarem à sala, as estudantes sentaram nas respectivas cadeiras e cumprimentaram-se.

O primeiro encontro aconteceu durante o dia 18 de dezembro de 2019 nas imediações da presente instituição de ensino, com 4 estudantes universitárias, sendo a pesquisa realizada no horário da tarde, com seu início às 16h da tarde em virtude dos horários disponíveis das participantes. O grupo nesse dia de pesquisa teve seu término às 18hrs30 da noite.

As perguntas feitas foram referentes ao movimento estudantil secundarista e universitário, feminismo negro, e espaços de poder. A aplicação da pesquisa foi também intercalada com o debate acerca de algumas falas de antifeminismo, assim, como machistas, disseminadas na internet, com o intuito de que as estudantes expressassem suas opiniões sobre esses conteúdos que circulam nas redes sociais. Falas de pessoas famosas também foram incluídas. O objetivo dessas perguntas foi propiciar uma maior compreensão acerca das desigualdades de gênero nos espaços de poder, bem como identificar se de fato as jovens estudantes apresentam em suas falas discursos que se relacionam com as pautas feministas.

O primeiro tópico de discussão levantada pela pesquisadora foi se, quando elas eram secundaristas, existia grêmio estudantil nas escolas em que elas estudaram. Além disso, também foi questionado se essas participavam dos grêmios (nos casos em que havia a existência da entidade estudantil). Esse tópico trouxe alguns elementos de discordâncias entre as garotas, apesar de todas terem dito que não existia grêmio estudantil quando cursaram o ensino médio. Quando Dandara disse que no ensino médio o vínculo dos estudantes com a

escola é fraco, Madame Walker e Maria Bonita destacaram que a realidade está mudando e existem incentivos atualmente na escola que contribuem para essa transformação. Outro ponto que merece destaque é que essas estudantes são oriundas de cursos distintos na universidade e os centros acadêmicos em que elas militam têm perfis, práticas e ações de militância distinta. Enquanto Maria Bonita e Madame Walker fazem parte de cursos da área de Humanas e Sociais em que os professores estimulam a participação em debates, seminários e mesas redondas com o intuito de promover um debate crítico sobre a realidade social, bem como o exercício da cidadania. No caso da Dandara, esses discursos chegam até ela por meio do contato com as colegas dos demais centros acadêmicos – uma vez que, por estar no curso de Ciências Naturais, seus professores se dedicam apenas ao ensino do conteúdo das disciplinas exatas.

Neste aspecto, a participante Dandara coloca que:

O que eu acho é que quanto mais mulheres se interessar nesse meio mais força a gente vai ter, até porque é muito pouco nesse campo em movimentos e vamos dizer que tem pouca mulher no poder, né? Então a gente precisa ganhar mais espaço e cada vez mais. E aqui na universidade mesmo é que a gente consegue entrar porque nos secundaristas a gente não consegue é uma coisa muita mais vazia. É como se você fosse lá no ensino médio só pra coletar suas nota e pra passar adiante, então pronto acabou. Pelo menos na minha época que eu fiz o ensino médio foi assim. Então aqui na universidade, você tem um campo, você tem mais voz e foi isso que eu fiz né? Assim eu entrei na universidade, há dois anos no caso, eu entrei no centro acadêmico, passei a participar e consegui até participar do movimento estudantil nesse ano (2019) em Salvador. E eu acredito que quanto mais mulheres entrar é a união que faz a força né? Quanto mais mulheres melhor vai ser pra você ir mais alto.

Fonte: Trecho retirado da entrevista, participante Dandara, 2019.

A fala de Dandara destaca a necessidade da participação de mais mulheres nos espaços de poder, visto que no contexto de cidades interioranas a participação feminina em grêmios, centros acadêmicos e outros mecanismos de participação ainda ocorre de forma muito incipiente – como é o caso o município de São Bernardo, e cidades vizinhas. Essa realidade, entretanto, não é mesma em outras regiões do estado, como da Capital São Luís. São poucas as mulheres que estão nesses espaços – composto majoritariamente por homens –, e as que ocupam estes espaços estão em cargos secundários, sendo mínima a participação de mulheres como presidenta.

Dandara, destaca também a importância da Universidade como meio que influencia de forma positiva na vida dessas mulheres, principalmente para que essas adentrem aos espaços de poder. Para essa jovem, a participação no movimento estudantil secundarista é algo mais

difícil de acontecer, visto que esses estudantes expressam pouco desejo pelo ambiente escolar. Ela fundamenta seu argumento dando como exemplo sua realidade quando frequentou o ensino médio. Assim, por serem mais dispersos, os estudantes secundaristas têm maiores dificuldades de organizarem grêmios em suas escolas. Para ela, o universo do ensino superior facilita a participação das mulheres, tendo em vista que o ambiente da universidade permite maior possibilidade de voz para essas mulheres.

Contudo, contrariando a fala de Dandara, a participante Madame Wlaker destaca que:

“Mas, eu creio que essa realidade no ensino médio já tem mudado”.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Madame Wlaker, 2019.

Madame Wlaker acredita que o ambiente escolar tem passado por significativas mudanças sociais, impactando de forma positiva na formação dos estudantes secundaristas residentes do município de São Bernardo.

Ao escutar a fala de Madame Wlaker, Maria Bonita aponta que:

“Recentemente”.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Bonita, 2019.

Ou seja, para ela, apenas nos últimos anos essa realidade tem mudado. Assim, sua fala enfatiza que estas transformações sociais são recentes no ambiente escolar. Essas mudanças de pensamentos, protagonismo juvenil, inserção no debate político, movimento estudantil – vivenciadas pelos estudantes secundaristas do município de São Bernardo e cidades vizinhas – é para elas um debate novo, uma vez que essas entidades estudantis nas escolas básicas passaram a fazer partes de suas realidades a partir de 2015 através de políticas instituídas pelo governo Flavio Dino<sup>27</sup>.

A criação do Programa Mais Grêmios pelo Governo do Estado do Maranhão, por meio da SEDUC, possibilitou a transformação do ambiente educacional, assim como fomentou o amadurecimento de jovens estudantes maranhenses. Esses estudantes passaram a ser

---

<sup>27</sup> Tona-se importante destacar a presença histórica do PCdoB, que trabalha conjuntamente com a UJS, desenvolvendo ações e estratégias que visem a inserção dos estudantes maranhenses no mundo político, tendo como sua primeira porta de entrada o movimento estudantil, constitui-se um elemento primordial que impacta diretamente nas políticas públicas desenvolvidas pelo governo Flavio Dino no estado do Maranhão. Grifos Nosso s.



protagonistas de transformações de seus respectivos contextos educacionais. Com a organização de grêmios, foi possível a inserção de jovens moradores de contextos desprivilegiados – como os estudantes residentes em áreas rurais – nos debates estudantis, antes ausentes de suas realidades educacionais e do processo de formação.

Com vistas nisso, Madame Wlaker evidencia que:

Pois é, nos últimos anos vem mudando bastante ainda mais com o crescimento do grêmio estudantil eles estão tendo um poder de força bastante maior e eles estão assim lutando bastante na causa.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Madame Wlaker, 2019.

Para Madame Wlaker, ao considerar a ressignificação do espaço escolar, o amadurecimento, o aumento da participação no debate político, bem como o protagonismo dos estudantes secundaristas do município de São Bernardo, a militante destaca o impacto do grêmio estudantil na vida dos estudantes secundaristas, sendo que para ela é através desse espaço que torna-se possível a essas adolescentes e jovens ter acesso a um poder de voz maior, contribuindo para a defesa de suas pautas.

O segundo tópico debatido pela pesquisadora foi se as mesmas conheciam os movimentos feministas e através de que ferramentas as mesmas conheceram, mesmo que de forma superficial, esses movimentos. Este revelou-se um ponto de concordância entre as quatro universitárias, já que quase todas as estudantes responderam não conhecer de forma profunda sobre os movimentos feministas, sendo a internet a ferramenta responsável pelo conhecimento delas.

À vista disso, RIBEIRO (2018, p.277) destaca que “as redes sociais possibilitaram a minha escrita feminista negra se tornar pública e com isso atingir mulheres negras que eu jamais atingiria caso não tivesse me exposto dessa forma”. O uso das redes sociais constitui-se um elemento central para a disseminação/compartilhamento de produções de mulheres de cor, além de permitir que estas teorias adentrem a diferentes cenários sociais.

Entretanto, cabe destacar que, como ressalta Colasante & Pereira (2020), no município de São Bernardo apenas (10%), impedindo que milhares de jovens mulheres sejam atingidas pelos discursos, práticas, narrativas dos movimentos feministas, sendo alijadas de importantes debates que dizem respeito às suas experiências, dramas, lutas e trajetórias. Além disso, cabe destacar que desse quantitativo que tem acesso à internet, nem sempre a qualidade da conexão

permite acessar toda a gama de recursos e dados que o ambiente da rede internacional de computadores disponibiliza. Desta forma, lacunas oriundas de anos de exclusão contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero, representando uma forma de violência simbólica<sup>28</sup>.

O terceiro tópico abordado pela pesquisa questionou a motivação por traz do engajamento delas as concorrem em chapas para gestões de centros acadêmicos em seus respectivos cursos. Em suas respostas, observou-se o desejo das estudantes em ocuparem posições de poder – ocupados majoritariamente por homens – como meio de mudar suas realidades, assim como evidenciou-se o desejo dessas estudantes em fornecer espaços de fala para demais mulheres.

Desse modo, Madame Wlaker salienta que:

Eu entrei no centro acadêmico porque quando eu entrei eu vi que o centro acadêmico era só homens e me vi numa situação onde eu podia dá poder de voz as mulheres do curso, porque onde um centro como eu sei que a turma dos meninos são excelentes, mas tem que ter uma visão de uma mulher, tem que uma visão diferente da deles pra poder trabalhar, eu queria dar minha voz, poder aumentar minha voz e as das meninas que até então a gente não tinha voz no centro acadêmico, por isso que eu entrei.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Madame Wlaker, 2019.

Para Madame Wlaker, participar de um processo eleitoral significa poder ter acesso a fala, uma vez que para a ela é através do Centro Acadêmico que poderá ter sua fala reconhecida e, visibilizada. Além disso, a universitária aponta para a necessidade de oportunizar o acesso à fala a outras mulheres como meio de diminuir as desigualdades existentes entre gêneros. Evidencia-se também que a representatividade torna-se importante dentro do movimento estudantil, visto que, quando existe apenas um grupo no poder, alguns indivíduos – neste caso as mulheres – serão alijadas do processo de acesso aos direitos.

Aqui, entretanto, cabe uma ressalva. Madame Wlaker é da turma 2017.2, está no centro acadêmico desde de 2018, saindo para assumir a presidência da Atlética, e desde então nenhuma mulher passou a fazer parte do Centro Acadêmico Thomas Cook. Isso é um dado que demonstra o fato de que a realidade está mudando no tocante a participação das mulheres

---

<sup>28</sup> No livro *O Poder Simbólico*, Bourdieu (1989) apresenta o poder simbólico como sendo, o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, dessa forma, os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social, enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação. Neste sentido, a violência simbólica ocorre pela falta de equivalência entre os capitais culturais, que são eles, capital econômico, capital social, capital cultural e capital simbólico.

em eventos, mas nunca ocupando as cadeiras de representação estudantil em reuniões de colegiado e conselho de campus. Não seria essa uma demonstração de misoginia dentro das representações estudantis universitárias, com os homens cerceando o acesso dessas mulheres em momentos de decisão?

Entre os estudantes da UFMA de São Bernardo, salta aos olhos o fato de que a maioria é composta por mulheres e que, nesse contexto, estão relegadas a ocupar papéis secundários.

Ao retratar sua inserção no movimento estudantil, Dandara relata que:

Quando eu entrei no centro acadêmico tipo assim como quando você entra na universidade que tá bem atordoada, é muita informação e você acha que não vai da conta né, comigo foi todas elas. Então como foi bem no início eu entrei porque um colega meu me indicou pra entrar no movimento estudantil e aí eu não sabia bem o que era, o que significava, aí meu mandei colocar meu nome, coloca rsrs, aí depois das primeiras reuniões no auditório que eu fui começar a entender o que o significava o centro acadêmico, então e eu continuei a participar, a concorrer a chapa porque eu queira levar a muitos justamente o eu estou falando aqui hoje tem uma base e tem movimentos pra isso que eu passo/faço recentemente, não é só as mulheres negras que sofrem preconceito, mulheres brancas também sofrem preconceito mulheres que tem o biótipo como corpo consideradas mais gostosas essas que sofrem preconceito. E o que eu vir nessa oportunidade de levar, levantar minha voz, conseguir entrar em movimentos que fizesse ouvir também os outros lados das mulheres né porque existem tantos preconceitos nos feminismos, como você falou é tanto campos nos feminismos e eu quis entrar com a minha particularidade no feminismo.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa, participante Dandara, 2019.

A fala de Dandara reflete a composição do quadro feminino por parte dos partidos políticos no Brasil que, buscando preencher a cota<sup>29</sup> reservada às mulheres, convidam representantes apenas para seguir as exigências eleitorais e disseminar um discurso de inclusão feminina – e do toque feminino, jeito de cuidar e mais outros clichês que circulam nesse meio – que ao invés de inseri-las no processo decisório, reproduz relações de poder subalternas. Desse modo, as mulheres são vistas como bem-vindas, desde que tenham olhos, ouvidos e bocas cerrados – semelhante ao exemplo dos Três Macacos Sábios<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Apesar da lei de cotas para candidaturas femininas às eleições do Legislativo municipal, em 814 casos espalhados por mais de 650 cidades pelo Brasil os partidos políticos não reservaram ao menos 30% de suas vagas para mulheres concorrerem às cadeiras de vereadores. Ver mais em, <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/09/28/ao-menos-480-casos-nao-cumprem-cota-feminina-pelo-brasil.htm>. Acessado em, 06/12/2020

<sup>30</sup> surpreendente protagonizada por três curiosos personagens: Kikazaru, o macaco que não ouve, Iwazaru, o macaco que não fala, e Mizaru, o macaco que não vê. O provérbio “não veja o mal, não ouça o mal, não fale o

Assim, quando eu comecei né a estudar na universidade meio que abrir a minha mente pra muita coisa, tanto que eu conseguir me desprender de um relacionamento abusivo, de várias coisas. Assim quando eu recebi o convite pra poder participar da chapa né como vice-presidente é eu não pensei assim numa causa especifica de dá voz, mas em busca dessa igualdade tanto que a nossa chapa ela é dividida né, é igual metade homens, como metade mulheres, então existe esse equilíbrio a lhe, existe um equilíbrio de ideias, então mas pra ficar isso consolidar essa questão de essas ideias para que elas possam divergir e que possam ser iguais pra todo mundo, tanto pra mulheres quanto pro homens, basicamente foi pra trazer essa igualdade, essa hegemonia.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmina, 2019.

O trecho acima da fala da Maria Firmina traz vários elementos interessantes a serem analisados. O primeiro deles é o fato dela associar sua entrada no movimento estudantil a sua experiência pessoal, devido ao fato de ter vivenciado um relacionamento abusivo. Há um número crescente de mulheres, jovens que em suas redes sociais relatam casos de relacionamentos abusivos e assédios vividos durante algum período de suas vidas. Um exemplo disso é o que ocorreu, no final de 2015, quando começou a circular a Campanha O Meu Amigo Secreto em que as mulheres, a partir da frase que intitula a campanha, passaram a descrever casos cometidos por seus “amigos secretos” – namorados, ficantes, amigos, colegas, chefes, professores e muitos outros homens que fazem parte do cotidiano delas, reproduzindo discursos próprios a manutenção dos seus privilégios e da engrenagem machista e desigual.

Além disso, é interessante notar o fato do Centro Acadêmico Albert Einstein ser o único que tem igualdade numérica entre homens e mulheres, mesmo sendo praticamente uma representação meramente consultiva, para referendar as decisões tomadas pelos docentes do curso. É possível perceber no discurso da entrevista o parco conhecimento acerca de categorias cruciais do movimento estudantil e que, quando essas foram usadas, Maria Firmina demonstrou não ter uma real compreensão sobre elas (como o conceito de hegemonia, utilizado pela estudante sem representar sentido algum).

Contudo, a igualdade numérica, no contexto em que mulheres representam a minoria, não é pouca coisa. Basta saber qual real impacto dessa participação no engajamento das pautas dos movimentos sociais.

---

mal” é chamada no Japão de “regra de ouro. Ver mais em, <https://www.primaveragarden.com.br/os-tres-macacos-sabios/>. Acessado em, 07/12/2020.

Pra dá voz sabe, falar que a gente tem visibilidade também não é só o homem que tem voz também, a gente sempre olha assim e só vê homem né, então porque não uma mulher? Mulher né a gente pode levar a voz também pra dizer mulher não é gostosa, não é só um brinquedo como ela citou como exemplo o relacionamento dela um relacionamento abusivo. Muitas mulheres elas estão dentro de um relacionamento abusivo e elas não entendem que elas estão dentro de um relacionamento abusivo sabe, então a gente tem que falar essas coisas. A Madame Walker também falou que só tinha homem no Centro Acadêmico. Sabe então a gente, eu por exemplo particularmente entrei nos movimentos pra isso sabe, pra falar, bater de frente, pra dizer que não é só homem que pode tá no poder, a gente também tem direito de tá no poder. A gente também tem direito a ter a igualdade, ter esse equilíbrio, então foi pra isso.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Bonita, 2019.

Maria Bonita chama atenção, para as relações desiguais que se disseminam na sociedade, e que validam práticas opressivas. Para ela é necessário que possamos romper com essas relações históricas, ao passo que também ultrapassemos tabus construídos como mecanismo de manutenção dessas relações de poder.

Entretanto, Maria Bonita, estudante do Curso de Licenciatura em Ciências/Sociologia – como mencionado anteriormente – está em uma realidade embrincada por práticas que são limitadoras, quando não restritas, sendo invisibilizada dentro do seu curso, assim como a participação de outras mulheres nas tomadas de decisões. No discurso, esse anseio de ser ouvida, falta uma compreensão da necessidade de ocupar espaços decisórios, de questionamento dos seus colegas sobre as decisões do Centro Acadêmico frente ao colegiado e conselhos, o que acaba levando a uma ignorância com relação a questões fulcrais que afetam a vida de todos os estudantes. Assim, o que se percebe, é que se entra no movimento estudantil para compartilhar espaços de sociabilidade, sem ter um conhecimento mais amplo dos papéis a serem desempenhados. Em São Bernardo, mesmo nos cursos de Humanas, vistos como mais progressistas e vinculados a movimentos sociais, muitos dos representantes homens compartilham de ideias, ou reproduzem falas que denotam estas práticas opressivas contra as mulheres.

No campeonato de futebol realizado por representantes estudantis, ações, que quando refletidas, revelaram atitudes machistas, tornando-se corriqueiras quando o torneio feminino iniciou. O próprio tempo e prêmio dado as jogadoras foram menores em comparação ao dos homens. Quando questionados os organizadores – homens – sobre tal prática, silêncio e desculpas mal formuladas foram dadas. O olhar das participantes revela formas sutis de relações de poder. Ora, não seria está uma prática machista, sexista que insere mulheres nos

espaços com um discurso inclusivo, mas que usa de diversos mecanismos que limitam o acesso das mesmas de forma igualitária nesses mesmos espaços?

A universitária enfatiza a necessidade de maior participação feminina nesses espaços poder, e de decisões, como forma de construir dinâmicas transformativas que possibilitem a diminuição das desigualdades, tendo em vista que estes espaços incidem positivamente na vida dessas mulheres.

Dessa forma, destacou-se que durante a realização das perguntas, ocorreram momentos em que as estudantes apresentaram pontos de vistas diferentes umas das outras, fazendo assim com que houvesse uma maior participação de todas as participantes no desenvolvimento do debate. Estes pontos de divergências serviram para as mesmas refletirem sobre os processos de mudanças de suas realidades, além possibilitar o aprofundamento das questões debatidas.

Como militei durante toda a graduação como representante do Diretório Central, ocupando o papel de coordenadora de campo – ou seja, responsável pela mobilização no campus de São Bernardo –, pude presenciar neste período a dificuldade em promover a participação de outras jovens mulheres, inseridas no ambiente universitário, nas eleições e na presença mais efetiva nessas importantes cadeiras decisórias. Por isso, ao presenciar as falas durante o grupo focal, foi possível perceber essas dissonâncias entre narrativas e práticas. Além disso, pude vivenciar as inúmeras práticas de tentativas de silenciamento, que se desenvolvem no interior do movimento estudantil universitário, enquanto mulher, ocupando uma posição de poder, pude identificar as contradições apresentadas entre discurso e práticas de muitos representantes homens do movimento estudantil.

Apresentaremos a partir de agora o debate acerca das frases apresentadas pela pesquisadora. A primeira frase apresentada pela pesquisa para as estudantes apontava para o fato que mulheres não necessitam de feminismo, visto que, os problemas dos homens são tão importantes quanto os das mulheres. Entre as participantes está frase foi recebida com indignação, haja vista, as complexas relações desiguais existentes entre gênero, que legitimam a violência contra corpos femininos, refletindo diretamente no elevado índice de violência de

gênero acarretando em agressões físicas<sup>31</sup>, psicológicas e muitos outros tipos de violência, bem como, a disseminação de discursos machistas e sexistas.

Bem machista né.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmino, 2019.

Neste aspecto, Maria Firmino salienta que a disseminação de discursos machistas, e opressores estão muito presente em nosso cotidiano, perpassando em muitos casos por nossas relações sociais e familiares. O machismo é assim um mecanismo de sustentação, e manutenção do sistema de opressão existe em nossa sociedade. Discursos como são assim, facilmente absorvidos e reproduzidos nas diferentes esferas da sociedade.

Em vista disso, para estudante universitária Maria Firmino este coloca-se um discurso que:

Mimimi, aí que é mimimi as coisas. A gente sempre ouve né quando a gente posta alguma coisa por exemplo, quando a gente fala alguma coisa que a gente vai de embate com alguém, ah é mimimi, eles acham que é só mimimi, só besteira tá lutando por coisas vazias.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmino, 2019.

Assim, para ela este discurso reproduzido na sociedade haze como um desqualificador de nossas lutas e reivindicações ao minimizar nossas pautas. Dessa forma Maria Firmino salienta que para estes sujeitos opressores as reivindicações encabeçadas pelos movimentos feministas são enxergadas como vazias este fato, nos possibilita refletir sobre os papeis de gênero ocupados por nós mulheres nas diversas esferas sócias públicas e privadas que estão submersas nas desigualdades que nos relegam a espaços subalternizados, e nos limitam.

Neste sentido, Dandara compartilha do pensamento de Maria Firmino, enfatizando:

Mais é bem triste é quando mulheres falam isso.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Dandara, 2019.

Dandara compreende, que quando mulheres reproduzem estereótipos, e discursos opressivos elas estão indo de encontro aos seus próprios direitos, tendo em vista que, a luta

---

<sup>31</sup> Mulheres são quase 67% das vítimas de agressão física no Brasil. Ver mais em, <http://www.generonumero.media/mapa-da-violencia-de-genero-mulheres-67-agressao-fisica/>. Acessado em, 06/12/2020.

dos movimentos feministas reivindica direitos para todas as mulheres. A mesmo alude para o processo dor e raiva sentido por mulheres feministas uma vez que suas lutas e ações são atacadas por determinados grupos sociais de mulheres que privilegiam o discurso moral e religioso.

Para tanto, é importante ressaltarmos que muito desse discurso reproduzido pela grande mídia, e absorvido pela população compõe uma visão de mundo assentada nas desigualdades, no cerceamento da fala. Sobretudo, das mulheres subalternizadas residentes de zonas periféricas.

Em vista disso, Maria Firmino relata que:

Uma situação que casa muito com essa frase, foi um episódio que eu vivi agora semana na acadêmica, onde tipo veio várias pessoas pra mim ai, eu ouvir de uma mulher que as mulheres, ela reproduziu uma frase que mulher tem que se comportar perto de um homem porque homem ele tem mais força que uma mulher, ai ela citou até um exemplo lá da casa dela que quando o pai dela chegava bêbado que a mãe dela era muito brava batia nele e ela acha isso um absurdo, então ela falava que mulher tem que ser comportada, tem que procurar o lugar dela. É, gente eu olhei eu tava, eu fiquei assim meu me poupe, poupe disso desse teu discurso, ai depois que ela saiu eu tava comentando que uma mulher que se sustenta, que tem um filho dentro de casa né, se sustenta pra poder pagar as coisa tem a ousadia de abrir a boca pra falar isso, sempre tá colocando o homem como uma coisa superior na vida. Um absurdo isso.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmino, 2019.

A universitária chama atenção para o fato que na sociedade brasileira, inúmeras são as mulheres – em alguns casos estas são chefes de família – que absorvem e reproduzem o discurso do opressor. Neste aspecto é importante destacar que a opressão perpassa classe raça/etnia, sexualidade, assim mesmo uma mulher independente sofre com a violência desse sistema desigual. Como destaca a autora negra estadunidense Audre Lorde (2019, p.236) “não existe hierarquia de opressão” todas as mulheres nas suas diferenças e especificidades experienciam relações desiguais de poder.

Em nosso segundo momento apresentando as frases, a pesquisadora perguntou-lhes sobre o que as mesmas pensavam sobre uma fala da ex-presidenta da república Dilma Rousseff em que a mesma fala que em condições de poder, a mulher deixa de ser vista como objetivo frágil e isso é para ela imperdoável. Para ela é neste momento que começa a história



da mulher dura. É verdade: eu sou uma mulher dura cercada de homens meigos – Dilma Rouseff. É válido destacar que neste tópico apenas uma de nossas participantes respondeu.

Assim sendo, a universitária respondeu que:

A questão de que a partir do momento que o homem ele é obrigado, até quando ela fala né é imperdoável, embora seja imperdoável o homem ele se sente pressionado a respeitar essa mulher porque ela passou a ter um cargo de poder. Então, ela está obrigando que esse homem que ele a respeite, sendo que é assim a visão deles, que estão sendo pressionados porque é mais superior que ele, sempre o machismo né, então quando ela fala que esse homens são meigos é justamente por eles terem esse conceito pobre, entendeu sendo que é uma coisa que deveria ser igual. Se fosse em outra situação no caso de um homem né uma coisa que deveria ser igual.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmina, 2019.

Na perspectiva de Maria Firmina é necessário que haja respeito entre ambas as partes, para ela, o homem compreende se sente pressionado a respeitar as mulheres que ocupam altos cargos, neste caso, essa visão do homem torna-se apresenta como uma visão machista, um conceito pobre de mundo. Para ela, é importante o desenvolvimento de relações pautadas no respeito entre ambas as partes. Todavia, cabe destacar que mesmo para as mulheres que ocupam altos cargos nem sempre está é a realidade, tendo vista, que as mesmas estão mais propensas a assédios sexuais e moral desfaçados em pequenos atos e piadas nas diversas esferas de suas vidas, principalmente no trabalho<sup>32</sup>.

A partir exposto, observamos quando mulheres conseguem adentrar estes espaços elas têm sua identidade alterada, de mulher adorável, humilde, passa para megera, egoísta, essa lógica misógina nos amputa, e desumaniza de inúmeras formas.

No terceiro tópico de apresentação das frases, expusemos a frase da escritora nigeriana negra Chimamanda, em que a mesma coloca ser uma triste verdade: nosso mundo está cheio de homens e mulheres que não gostam de mulheres poderosas. Neste último momento caminhado para a finalização do primeiro dia de aplicação da pesquisa, nossas participantes ficaram, por um momento, pensativas, e então, manifestaram suas opiniões, a meu olhar como pesquisa ficou evidente neste momento que elas enquanto mulheres que se encontram

---

<sup>32</sup> Quase metade das mulheres já sofreu assédio sexual no trabalho; 15% delas pediram demissão. De acordo com o levantamento, a maioria das entrevistadas que já sofreram alguma forma de assédio sexual no ambiente de trabalho são mulheres negras (52%) e que recebem entre dois e seis salários mínimos (49%). Entre as entrevistadas que declararam desempenhar a função de gerente, 60% afirmaram terem sido vítimas de assédio. No caso de diretoras, o número chegou a 55%. Ver mais em, <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/10/08/quase-metade-das-mulheres-ja-sofreu-assedio-sexual-no-trabalho-15percent-delas-pediram-demissao-diz-pesquisa.ghtml>. Acessado em, 06/12/2020

ocupando espaços de poder, na tentativa de mudança, seria essa uma tarefa árdua, quando não, impossível, tendo visto, que a sociedade tentará de tudo para incapacita-las.

Neste ponto, a estudante universitária Maria Firmina destaca que:

Já muito insuportável que o homem ele não aceite o poder de uma mulher, se torna mais insuportável ainda quando a própria mulher é ataca a mulher, tipo quando não tem essa parceria feminista, então se torna bem mais insuportável.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Firmina, 2019.

Maria Firmina enfatiza que o julgamento da sociedade sobre as mulheres – sobretudo, feito a partir de outras mulheres, tem influências negativas, sobre as mulheres vítimas dessas práticas abusivas. A partir disso, podemos refletir sobre as práticas de empatia possibilitadas através da rede apoio entre mulheres feministas como mecanismo de resistência aos diferentes processos opressivos criados pela sociedade, com o objetivo de nos silenciar. Assim, a falta à reprodução da lógica opressiva implica na falta de irmandade, e, por conseguinte funciona em muitos dos casos como um fator que impossibilita a denúncia da violência.

Em concordância, com a fala de Maria Firmina, Maria Bonita diz que:

Agente ver isso muito.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Bonita, 2019.

Desse modo, a universitária chama atenção para inúmeras frases reproduzidas por mulheres contra outras mulheres vítimas de relacionamentos abusivos, e da violência física. Nesta lógica, ressaltamos que muitas dessas frases comuns a nós em muitos casos estão na boca de nossos amigos, familiares e namorados que por meio de suas ações legitimam as violências contra as mulheres, retira dos agressores a culpa, e culpabiliza as vítimas.

Em vista disso, Madame Wlaker fornece um exemplo:

Um exemplo prático é nossa ex-presidente Dilma Russeff.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Madame Wlaker, 2019.

Madame Walker ao concordar com a fala de Maria Bonita cita como exemplo os inúmeros casos de violência de gênero práticos com a imagem ex-presidenta da república Dilma Russelff durante as manifestações contra o governo. Assim, como a então, inúmeras

são as mulheres vítimas dessa violência em processos eleitorais, assim como, por seus posicionamentos críticos perante a sociedade<sup>33</sup>.

Numa sociedade pensada para homens – sobretudo o homem branco, o acesso a direitos e bens materiais e culturais ocorre de forma fragmenta para as mulheres, ao conquistarem o acesso a estes espaços de poder, elas ganham oportunidades para transformar suas realidades. Contudo, com a chegada dessas mulheres nesses ambientes criam-se mecanismos repressivos, que objetivam impossibilitar a permanência das mesmas nestes contextos. A ex-presidenta da república, assim, como inúmeras outras mulheres para permanecerem neste ambiente, perpassam por constantes violências em alguns casos simbólicas, em outros carregadas de agressividade.

Em diálogo com Madame Wlaker, Maria Bonita coloca que:

E os memes relacionados a ela né, horríveis, literalmente horríveis, sem coração relacionado a sexo, fazer naquela parte onde tem aquela entrada na entrada do carro, não sei se alguém viu isso, mas ela ficava de perna aberta, terrível né. Então, quando a mulher ela tá no poder, quando ela tem consciência do empoderamento as pessoas já ficam tipo, nossa ou então coloca ela num lugar de questão de gênero, que dizer mulher ela é empoderada ela é lésbica, ah ela é isso sabe, isso aquilo.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Maria Bonita, 2019.

Dessa maneira, Maria Bonita enfatiza que a partir do momento que a mulher passa a ocupar um lugar de poder na sociedade, seja atuando na política, movimento sociais ou mesmos em outras esferas, que ela adquire consciência crítica, coloca-se como uma mulher empoderada em suas práticas e discursos, ela passa a ser algo de ofensas, ódio e violência para a estudante universitária uma mulher empoderada é motivo de medo, tendo visto, que a mesma buscará romper com o opressor.

Assim, com o intuito de promover a segurança a todos é necessário controlar essas mulheres de subjetividades críticas, uma vez que, seu perfil não condiz com o perfil da mulher doce, do lar, subalterna. Desse modo, inicia-se nesse momento de clareza sobre essas mulheres tidas como, lésbicas, feias e muitos os estereótipos usados para identificá-las, as perseguições.

---

<sup>33</sup> Na reta final do primeiro turno das eleições, mulheres foram vítimas de violência política a cada dois dias. Ver mais em, <https://www.generonumero.media/mulheres-violencia-eleicoes/>. Acessado em, 07/12/2020.

Pinto (2003, p.9) afirma ainda que:

Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX, o movimento muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadã – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação.

As mulheres feministas, nos seus diferentes historicamente tem buscado diminuir as desigualdades existentes em nossa sociedade, com suas pautadas, de melhores condições salariais, saúde da mulher negra, fim do racismo e todas as políticas de extermínio, colocam-se contra essas práticas excludentes e violentas que legitimadas pelo estado ceifam vidas. Resta nos perguntarmos, qual medo desses homens, desse estado dessas mulheres, para violá-las, e silencia-las? Não seria, medo de perder seus privilégios? Privilégios esses assentados sobre a subalternização e violação de corpos negros.

Neste sentido, Dandara ressalta que:

Então, é tem uma ano passado né, existiu muito uma ministra recebeu de uma certa pessoa que ela, que ela não era assediada uma coisa assim porque ela era feia, não sei se vocês lembram, dessa notícia foi mais ou menos isso não foi? então o que te leva a pensar que uma mulher é assediada era pra ela ser sentir privilegiada, entendeu uma mulher que é chamada na rua de gostosa é pra ela se sentir privilegiada. Privilégio e não um assédio, não uma ofensa, né porque a pessoa ela precisaria se ela foi assedia porque ela é bonita, então ela deve se sentir lisongiada com aquele assédio ou uma palavra de ofensiva, porque gostosa pra mim é uma palavra ofensiva, delicia é uma palavra ofensiva isso não é elogio nem aqui nem em lugar nenhum, mas homens se acham no direito de dizer esses “elogios” porque eles acham que é elogios que na verdade não são e que a gente deve ainda ter que aceitar porque aquilo é como eu posso dizer, porque aqueles elogios maldosos elas precisam se sentir privilegiadas porque é uma coisa boa pra elas, e não é.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Dandara, 2019.

Em consonância, com a fala de Maria Bonita, a estudante universitária Dandara aborda as dificuldades de ser mulher no Brasil, tendo visto, os elevados casos de violências e assédio sexual e moral. Além disso, ela chama atenção para casos como da deputada Maria do Rosário<sup>34</sup> que teve repercussão na grande mídia, além disso, Dandara em uma fala de

---

<sup>34</sup> A deputada Maria do Rosário em uma discursão com ex-deputado Jair Messias, que atualmente ocupa o cargo de presidente, foi agredida verbalmente pelo mesmo que “falou que não a estupraria por ela não merecia”.

indignação evidencia a violência envolta de frases comumente dita a mulheres no dia a dia por namorados, amigos, ficantes, para ela estas frases são um desrespeito contra as mulheres.

Nesse sentido, a estudante destaca que a naturalização dessas violências, permitem que homens acreditem terem o direito de proferir tais frases abusivas, de objetivação dos corpos femininos. A naturalização dessas ações é vista como privilégio, direito, uma vez que, estas mulheres são assediadas em virtude de serem bonitas. Em vista disso, torna-se necessário que estas ações abusivas, a quais nossa participante chama atenção, são práticas que encontram eco no ambiente acadêmico, entre professores, e alunos. Num espaço tido democrático, progressista, inúmeros são os casos de assédios que ocorrem entre um sorriso, e uma fala tida como engraçada. Contudo, essas ações são também naturalizadas, quando não, encobertas, relegando a vítima o direito de justiça.

Nesse aspecto, os movimentos feministas exercem um significativo papel para a compreensão dos complexos processos de exploração e desigualdades que atingem as mulheres em seus diferentes elementos – uma vez que foi por meio dele que evidenciou-se as múltiplas formas de marginalização, principalmente, da mulher negra. Com vistas nisso, “o feminismo mostra, assim, que é impossível descolar a esfera política da vida social, a vida pública da vida privada, quando se tem como objetivo a construção de uma sociedade democrática” (BIROLI, 2014, p.33), desse modo o acesso a direitos, e espaços de poder constituem-se elementos pertinentes de mudança social para as mulheres.

No decorrer da aplicação da pesquisa neste primeiro dia com as jovens mulheres universitárias da UFMA – São Bernardo, nos foi possibilitado observar dissonâncias que surgem no interior de cada Centro Acadêmico, que em sua maioria tem a figura masculina ocupando altos cargos como o de presidente, bem como, notou-se em muitos momentos as indignações das respectivas estudantes perante uma sociedade que as alijadas de direitos, bem como, evidenciou-se em suas falas a importância de mulheres ocuparem espaços de poder, todavia, no presente Campus a participação feminina nesses espaços ocorre de forma fragmentada, visto que, mesmo quando estas adentram este ambiente sua permanência é perpassada por ações que as limitam diante das tomadas de decisões.

O segundo momento da pesquisa ocorreu no dia 20 de dezembro de 2019, com a participação de 6 estudantes, 5 estudantes secundaristas do C. E. Deborah Correia Lima, única escola estadual do município de São Bernardo com grêmios estudantis regularizados e ativos, e 1 estudante universitária. É importante destacar que a discente da universidade participou da

pesquisa juntamente com o grupo de meninas secundaristas porque teve problemas com sua agenda de horário para participar da pesquisa realizada no dia 18. Para a participação da mesma com o referido grupo de estudantes secundaristas, ocorreram as adaptações das perguntas semi-estruturadas realizadas com ela, diferenciando das questões direcionadas as secundaristas.

Durante o desenvolvimento do debate, foi possível observar que a respectiva estudante universitária conseguiu manter um diálogo com as jovens estudantes secundaristas, possibilitando, assim, que dialogássemos a partir de duas realidades diferentes, mas semelhantes – principalmente porque a estudante Rosa Luxemburgo ainda estava no começo do seu curso, recém egressa da educação básica. O início das atividades de grupo focal ocorreu às 16hrs, por ser este o melhor horário para as participantes, sendo que teve uma tolerância de 20 minutos do horário planejado para iniciarmos a pesquisa, tendo em visto que estávamos aguardando todas as estudantes chegarem.

Ao término da tolerância dada, iniciamos o desenvolvimento do grupo focal, com a pesquisa metodológica chegando ao fim às 17hrs30.

É pertinente ressaltar que na realização de ambos os grupos focais entregamos o termo de consentimento livre e esclarecido para as participantes assinarem, respeitando a ética moral da pesquisa. A todas as participantes, foi explicado sobre o porquê do termo, assim como os objetivos da pesquisa. Para garantir a preservação da identidade das participantes, seus nomes foram trocados e, no lugar, utilizamos como referência figuras femininas representativas em suas áreas de atuação. Tal substituição seguiu os parâmetros éticos da pesquisa elencados pela Associação Brasileira da Antropologia que destaca a importância de, sempre que possível, preservar a imagem e as trajetórias dos sujeitos que dialogam e se relacionam nos processos e dinâmicas de pesquisa<sup>35</sup>. Observou-se que na realização do primeiro grupo focal, as estudantes mostraram maior interação no diálogo construído por elas, enquanto que no segundo momento, a mesmas ficaram mais tímidas no desenvolvimento do debate.

No segundo dia de aplicação da pesquisa, que contou com a participação de 5 estudantes secundaristas residentes do município de São Bernardo, 1 uma universitária, como primeiro tópico levantado no debate pela pesquisadora foi se, a participação delas no movimento impactou de forma positiva no desenvolvimento de suas subjetividades críticas.

---

<sup>35</sup>Associação Brasileira de Antropologia. Ver mais em, <http://www.portal.abant.org.br/>. Acessado em, 07/12/2020.

Neste tópico, observou-se que apenas duas estudantes responderam, sendo uma das estudantes secundaristas, e a outra a estudante universitária, notou-se em suas falas que suas atuações nesses movimentos (grêmio estudantil e centro acadêmico) contribuem de maneira positiva em suas vidas, permitindo a construção de uma subjetividade crítica, além de possibilitarem as mesmas novas experiências.

Frida, estudante secundarista evidencia na sua fala que estes movimentos estudantis tem grande poder de mudança, uma vez que, os diálogos construídos pelo mesmo interferem diretamente na forma como estas mulheres enxergam o mundo. Embora, Frida e Pagu tenham passados por experiências distintas nesses movimentos, haja vista, que uma é estudante secundarista e a outra universitária, ambas, concordam que esse processo de militância estudantil impacta na construção de seus pensamentos, e posicionamentos.

Desse modo, Frida relata que:

Com certeza, eu penso dessa forma por conta desse processo estudantil que eu tive, das conversas, dos debates na escola. Então, tudo isso foi importante pra me formar esse pensamento.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Frida, 2019.

Assim sendo, Frida destaca que sua experiência no movimento estudantil através do grêmio de sua escola possibilitou a formação crítica de seu pensamento. Para ela, este processo de conversas, debates e diálogos com outras realidades são elementos importantes para a formação do sujeito, em consequência disso, estese indivíduos poderão transformar suas realidades, além de propiciar o desenvolvimento de sua geração politicamente participativa. Em vista disso, é pertinente destacarmos que a introdução dessas jovens cada vez mais cedo nos espaços de poder, permitirá maiores chances de ascensão social, além de prepara-las para os desafios postos em outras esferas, como a universidade.

Todavia, embora, Frida, tenha uma atuação engajada no movimento estudantil, sua participação também é imersa em relações desiguais de poder, uma vez que, o poder do grêmio estudantil de sua escola é centralizado nas mãos da figura masculina que exerce a função de presidente. Com isso, por mais que Frida, assim como as outras participantes, sejam mulheres atuantes, por ter o poder centralizado numa única figura, a inserção delas dá-se de forma fragmentada.

Tal fato impossibilita que as mesmas possam experimentar outras vivências como a ida a congressos estudantis, promovidos por entidades do movimento estudantil, assim como aos

encontros promovidos pelo governo entre grêmios do estado. Impedindo dessa forma o acesso das mesmas a esses espaços com capitais culturais distintos.

Neste sentido, a autora negra feminista Patricia Hill Collins, em seu livro intitulado “Pensamento Feminista Negro”, destaca que “se há desigualdade de poder entre grupos, há também desigualdade na capacidade deles de tornar seu ponto de vista conhecido para si mesmos e para os outros” (COLLINS, 2019, p.89). A forma como as relações de poder esta alocada representam, assim, um fator que determina quem pode falar e quais narrativas são ouvidas. Ao restante, cabem apenas ruídos e murmúrios inaudíveis.

É porque assim que se você se introduz dentro desse mundo tanto o movimento estudantil secundarista e universitário você acaba entrando numa vivencia diferente e se obrigando a aprender novas coisas, aprender a debater, a se impor e tal e eu acho que esse é o momento que você se impõe, o momento que é age sabe, eu acho que a gente evolui muito sabe.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Pagu, 2019.

Para Pagu estudante de Linguagens e Códigos/Música, as vivencias nesses espaços antes desconhecidos, apresenta a essas mulheres novas percepções de mundo, além de favorecer maior engajamento social, permitindo que estas mulheres imponham-se enquanto indivíduos políticos e sociais de direitos. Entretanto, cabe ressaltar que diferente das estudantes secundaristas, Pagu apresenta particularidades, que em comparação com as demais a torna privilegiada, tendo visto, o espaço a qual a mesma está inserida, assim, como suas diversas experiências no movimento estudantil universitário, como a participação em congressos, manifestações, o espaço a qual Pagu se encontra possibilita maiores oportunidades, que o das estudantes secundaristas, sobretudo, porque Pagu no centro acadêmico de seu curso ela exerce o cargo de presidenta.

Em nosso segundo tópico apresentado pesquisadora, ela questionou a estudantes se elas concebiam ser importante debater gênero e raça/etnia no movimento estudantil e pediu que as mesmas dissessem por que está era uma discussão necessária neste ambiente. Obtivemos duas respostas referentes a esta questão, sendo ambas de estudantes secundaristas, as demais estudantes optaram por não responder, porém, concordaram com as respostas de Rosa Parks e Nina Simone. É valido destacar que se optou por expor apenas a fala de Nina Simone, em virtude que, Rosa Parks apenas concordou ao dizer sim, ser importante essa discussão, contudo, ela não destacou o porquê de ser necessário esse debate.



Para as respectivas estudantes debater gênero, raça/etnia é essencial ao movimento estudantil, visto que ser, este um lugar em que fornece formação cidadã e política, as mesmas acreditam que para diminuir as desigualdades existentes na sociedade é fornecemos subsídios educativos, que possibilitem os questionamentos por parte dos indivíduos de seus privilégios, bem como, das opressões vivenciadas por homens e mulheres, sobretudo, pela população negra.

Dessa forma, Nina Simone diz:

O movimento estudantil é o lugar que tu mais tens que fazer isso, porque tá se formando a sociedade, tem que ser debatido, tem que ser debatido sobre o respeito, sobre o lugar do outro, respeitar a opinião, respeitar.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Nina Simone, 2019.

Nina Simone, destaca em sua fala que os movimentos estudantis configuram-se como porta de entrada para importantes debates promovidos na contemporaneidade, como o debate de gênero e raça/etnia, para a estudante este é um espaço fundamental para a inserção desses debates tendo visto que, neste ambiente está auxiliando na formação de jovens e adolescente que aturam na sociedade. Essas discussões de gênero têm encontrado nesses movimentos espaços para a disseminação de suas pautas e reivindicações, assim como, têm possibilitado a essas estudantes a apropriação da fala, permitindo as elas evidenciar as contradições existentes no movimento, bem como, o rompimento de anos de silenciamento sobre suas narrativas.

Em vista disso, a introdução dessas temáticas nesses espaços de poder constitui-se fundamentais, tendo visto que, historicamente pessoas negras sofrem pelas mazelas geradas pelo processo de colonização, que matou, violou corpos, e reduziu suas humanidades a nada. Como consequência disso temos um estado genocida que ceifa vidas negras, invisibiliza vozes e nega direitos.

Partindo dessa acepção, Costa (2016, p. 19-20) explica:

Corpos destituídos de alma, em que o homem colonizado foi reduzido a mão de obra, enquanto a mulher colonizada tornou-se objeto de uma economia de prazer e do desejo. Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades.

O movimento estudantil cumpre, neste sentido, um importante papel para a formação dos brasileiros, em especial dos estudantes residentes do município de São Bernardo. A introdução dessas temáticas, e pautas permite a visibilidade de narrativas que historicamente estiveram reduzidas a um espaço marginalizado, mas, que (r)existente até os dias atuais.

Contudo, torna-se importante ressaltar que embora, o movimento estudantil tenha tendo êxito na completação desse debate, conseguindo dessa forma que estes estudantes repensem e reflitam sobre diferentes primas sobre as desigualdades e violência a quais se deu o processo de formação de nossa sociedade, este tem, pouco alcance quando entre a população negra bernardense. Visto que durante o desenvolvimento desta pesquisa, evidenciou que embora, a escola C. E. Deborah correia tenha um percentual relativamente grande de pessoas negras, pouco menos da metade participam do grêmio estudantil da referida instituição de ensino. No cenário universitária está não realidade não ocorre de forma de diferente.

No terceiro e último tópico da aplicação das perguntas, a pesquisadora indagou as estudantes sobre o que levou elas a participarem do movimento estudantil. É válido chamarmos atenção para a pouca participação das estudantes participantes da pesquisa durante a aplicação das perguntas, do público presente, poucos menos da metade respondeu as questões, dessa forma, em virtude da incidência de baixa participação neste segundo módulo da pesquisa optou -se pela não aplicação das frases.

Neste aspecto Pagu responde que:

Meu caso foi uma resina que eu tinha que eu herdei do meu pai, acho que foi tanto deu ver isso no meu dia a dia como ele lida, aí eu fui pegando o gosto, já a parte do discurso foi da minha mãe, com certeza.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Pagu, 2019.

Pagu destaca em sua fala que diferente das demais estudantes ela tem influências de atuação política seus pais, ela destaca que a participação de seu no mundo político permitiu que ela viesse a desenvolver o gosto por participar desse ambiente. Ela enfatiza que de seu pai herdou o jeito de se posicionar politicamente neste universo do movimento estudantil, enquanto que de sua mãe ela herdou a parte discursiva. Nossa participante chama atenção para o aspecto importante a ser pensado, que é inserção de mulheres no mundo político como consequência direta de seus falos familiares. A mesma contou dessa maneira com o apoio

familiar, o que facilita em certos aspectos sua inserção neste ambiente, além disso, este ambiente já era algo conhecido de sua realidade, tal fato repercute de forma positiva em seu engajamento no movimento estudantil.

Contudo, está não é a realidade das outras participantes, diferentes dela, estas estudantes enfrentam obstáculos de inserção diferentes por não terem apoio, ou mesmos pelo fato de se encontrarem alocadas a um contexto que privilegia/e centraliza o poder na figura masculina, enquanto que, as mesmas são alijadas de oportunidades de acesso a lugares de poder.

Enquanto, que Frida relata que o motivo de sua inserção no movimento estudantil deu em virtude de:

Acho que o que fez, me querer participar foi a possibilidade de da opinião para realização de feiras, essas coisas, dos debates, da possibilidade de dá ideia pra escola.

Fonte: Trecho retirado da pesquisa participante Frida, 2019.

A participação de Frida, neste meio ocorreu devido à necessidade mesma buscar participar da construção dos diálogos, assim como, da mesma querer fornecer ideias para o desenvolvimento de atividades como feiras. Em sua fala a estudante secundarista deixa transparecer sua preocupação com sua formação, bem como dos demais estudantes. Desse modo, seus anseios com o ambiente escolar revelam a reocupação dela e inúmeras outras estudantes que adentram ao movimento estudantil.

Partindo disso, destaca-se que a atuação dessas estudantes residentes do município de São Bernardo e cidades vizinhas no movimento estudantil nas suas instituições de ensino influenciaram de forma positiva na vida delas. Todavia, notou-se também que a inserção dessas mulheres nesses espaços de poder ocorre de forma fragmenta, tendo visto, ser este um espaço ainda centrado na figura masculina, restringindo dessa maneira no alcance tomadas de decisões, bem como, no exercício de cargos elevados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os percursos traçados para o desenvolvimento da presente pesquisa, encontrou-se obstáculos, como a baixa participação das estudantes nos movimentos estudantis secundaristas e universitários. Assim como, a incidência de pouca participação no debate construído pelas estudantes secundaristas e universitárias durante a aplicação da pesquisa, todavia, ao final os resultados mostram-se satisfatórios, ao objetivo proposto.

A pesquisa destacou que embora, o movimento estudantil tenha chegado tardiamente na vida das estudantes secundaristas do município de São Bernardo, o mesmo impactou positivamente na inserção dessas meninas em espaços de poder, além disso, através do mesmo, elas tiveram a oportunidade de conhecer – e, debater a respeito de temáticas como gênero e racismo. A luz dessas vivências, e diálogos essas estudantes experienciam significativas transformações em suas vidas. Sobretudo, a presente pesquisa apontou para o fato que o movimento estudantil possibilita a construção de uma subjetividade crítica por parte dessas estudantes.

No cenário do movimento estudantil universitário, mostrou-se que atuação das estudantes universitárias, assim como as secundaristas, tem suas vivências influenciadas positivamente pelo movimento estudantil. Atuação que, permite a estas estudantes ocuparem espaços de poder, antes ocupado maritalmente por homens, entre as universitárias, observou-se uma maior participação na construção do debate construído pela aplicação da pesquisa. Além disso, notou-se que para estas estudantes, o acesso a bens e capitais culturais ocorre de maneira mais favorável, em virtude de as mesmas estarem ocupando um espaço privilegiado, em comparação as estudantes secundaristas.

Contudo, cabe ressaltar que, a pesquisa também enfatizou que em ambos os casos estas estudantes tens suas realidades, e trajetórias no movimento estudantil, perpassadas por relações de poder que impossibilita a participação das mesmas nas tomadas de decisões, assim como, interfere que estas ocupem cargos de chefia. Por sua vez, estas relações desiguais também impedem que as mesmas experienciam determinem vivências dentro do movimento estudantil, como a participação em congressos e festivais, como é o caso das estudantes secundaristas.

Com vistas nisso, ressaltamos ser necessário e importante o desenvolvimento de ações estudantis, que possibilitem maior inserção dessas mulheres nas tomadas de decisões, bem como, evidenciamos a necessidade da construção de diálogos que debatam as discrepâncias existentes no bojo do movimento. Sobretudo, enfatizamos a importância do desenvolvimento de mais pesquisas que abarquem esta temática, assim como, apontamos para relevância da construção de acervo público em que sejam disponibilizadas as produções locais acerca das trajetórias dessas mulheres residentes do município de São Bernardo e cidades vizinhas, objetivando, a visibilidade de suas narrativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENGELS, Friedrich. A origem da família da propriedade privada e do estado. São Paulo. Editora escala, 1884
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244, 1984.
- GOHN, Maria da Glória. Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- BERTH. Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte (MG), Letramento: Justificando, 2018
- LORDE, Audre. Irmã Outsider. 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In:
- Hooks, bell, Teoria Feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) Explosão feminista. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MORRISON, Toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.
- UBES. História da Ubes. Disponível em: <http://www.ubes.org.br/memoria/historia/#fundamentos-ubes>. Acessado em: 12/11/2019.
- UNE. União Nacional dos Estudantes. Disponível em, <https://www.une.org.br/memoria/>. Acessado em: 08/12/2020

AITHAL, V. (1999). ‘Empowerment and Global Action for Women: Theory and Practice’. Working Papers, Kvinnforsk, University of Tromsø, available at <http://pdfind.com/empowerment-and-global-action-of-women/>

ALLEN, Amy (2005). “Feminist Perspectives on Power.” Stanford Encyclopedia of Philosophy. Available at: <http://plato.stanford.edu/entries/feminist-power/#Bib>. Acessado em: 18/10/2018

COSTA, Ana Alice. “Gênero, Poder e Empoderamento de Mulheres”. Disponível em: [http://www.agende.org.br/docs/File/dados\\_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20%20Ana%20Alice.pdf) Acessado em: 18/10/2019.

COSTA, Márcia Cordeiro. Em cena o movimento estudantil acadêmico no Maranhão:1930-1950. São Luís, 2009.

DAVIS, Ângela. Mulheres, Raça e Classe. – 1º ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

\_\_\_\_\_. A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2018.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). Qualitative research in health care. 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

PINTO, Céli Regima Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.